

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ADRIANA MORGANA DE SOUZA SILVA

AUTOLESÃO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA:
UM ESTUDO SOBRE O COMPARTILHAMENTO POR ADOLESCENTES NAS
REDES SOCIAIS

MACEIÓ,
2023

ADRIANA MORGANA DE SOUZA SILVA

**AUTOLESÃO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA:
UM ESTUDO SOBRE O COMPARTILHAMENTO POR ADOLESCENTES NAS
REDES SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Psicologia

Linha de Pesquisa: Saúde, clínica e práticas psicológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti.

Maceió,

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Betânia Almeida dos Santos– CRB-4 – 1542

S586a Silva, Adriana Morgana de Souza.
Autolesão na perspectiva psicanalista: um estudo sobre o compartilhamento por adolescentes nas redes sociais / Adriana Morgana de Souza Silva. – 2023.
79 f. : il.

Orientadora: Susane Vasconcelos Zanotti.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 73-79.

1. Redes sociais. 2. Redes sociais – Autolesão – Adolescentes. 3. Adolescência – Psicanálise. I. Título.

CDU: 159.922.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA MORGANA DE SOUZA SILVA

Título do Trabalho: "AUTOLESÃO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: UM ESTUDO SOBRE O COMPARTILHAMENTO NAS REDES SOCIAIS POR ADOLESCENTES".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

 Documento assinado digitalmente
SUSANE VASCONCELOS ZANOTTI
Data: 31/07/2023 14:41:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)

Examinadores:

 Documento assinado digitalmente
PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS
Data: 31/07/2023 15:11:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros (PPGPSI/UNICAP)

 Documento assinado digitalmente
IVO DE ANDRADE LIMA FILHO
Data: 01/08/2023 19:11:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ivo de Andrade Lima Filho (UFPE)

 Documento assinado digitalmente
CHARLES ELIAS LANG
Data: 01/08/2023 14:01:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Charles Elias Lang (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 28 de julho de 2023.

DEDICATÓRIA

À Deus, por nunca soltar a minha mão.
E ao meu filho Gabriel, por ser instrumento de Deus tantas vezes ao longo desse percurso.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Susane Vasconcelos Zanotti por apostar em mim, mesmo quando eu não acreditava que poderia ingressar no Programa do mestrado depois de tantos anos afastada do meio acadêmico. E obrigada, sobretudo, por não desistir de mim ao longo deste percurso tão cheio de intercorrências. Obrigada pela oportunidade e pelo aprendizado contínuo.

Aos colegas do grupo de pesquisa R.S.I.: corpo e suas dimensões” pelas trocas e parceria ao longo destes anos: André, Gabriela, Heitor, Iasmin, Laryssa, Layla, Lílian, Lídia, Martha, Priscila, Vinícius e Vivian. E principalmente Raianne, que vivenciou as angústias, incertezas e paranoias juntamente nessa caminhada.

Aos membros da banca, Prof.^a Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros; ao Prof. Dr. Ivo Andrade de Lima Filho e ao Prof. Dr. Charles Elias Lang por aceitarem o convite para este momento tão importante em minha trajetória acadêmica.

A Prof.^a Dra. Josy Luiz por sua leitura atenta e afetuosa de minha escrita e suas contribuições pedagógicas e emocionais no meu processo. Por ter acreditado em mim, mesmo antes de eu acreditar que era possível.

Aos meus pais e irmão, que sempre me apoiaram, incentivaram e admiraram o meu desejo em continuar buscando novos desafios profissionais.

Aos meus amigos do CIEE, Aline, João, Juliana, Kell, Nywan e Paulinha que seguraram as pontas e minhas turmas muitas sextas feiras pra eu poder participar das reuniões do grupo de pesquisa. Que acolheram minhas inseguranças e medos durante esse tempo, oraram e me enviaram hinos para atenuar minha angústia nos fins de semana de escrita.

Aos meus amigos “psicoloucos”, Carlos e Carla Dória, pelas escapadas semestrais para nos salvarmos das “sofrências” da vida de gente grande. Só ao lado de vocês para a psicanálise andar de mãos dadas com a Gestalt e a TCC.

Aos meus aprendizes que tantas vezes me acolheram em sala desnorteada após passar a noite acordada escrevendo e ir direto para dar capacitação e ainda pararem para ouvir eu contando sobre o que se tratava a minha pesquisa e seu progresso.

A minha ex-aprendiz e querida amiga Jéssica, que estando em AL, RS ou Paris sempre esteve para me acolher e me apoiar nas minhas decisões.

Aos meus pacientes do consultório que tantas vezes precisei remanejar para focar no processo de escrita.

A minha sogra que foi rede de apoio quando mais precisei entregar para cuidar de Gabriel doente no dia em que eu precisava qualificar o Projeto, nunca esquecerei desse dia.

A Elton, meu companheiro de vida, que mesmo sem entender bem como funcionava o processo me acolheu e permitiu que eu pudesse estar só em alguns momentos para avançar.

E por fim, ao meu príncipe, Gabriel. Que ao longo dos seus 4 anos de vida, dois foram tendo uma mãe semi-presente. Sem festas de aniversário, sem parquinho no fim de semana, sem regularidade nas suas terapias. Obrigada por me amar do jeito que eu tenho conseguido ser.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir o compartilhamento da autolesão nas redes sociais a partir de uma revisão de literatura na perspectiva psicanalítica, tomando a adolescência e sua relação com as redes sociais e a articulação entre adolescência, autolesão e redes sociais, como campo de investigação. Conforme a revisão, a autolesão se configura como uma das possíveis respostas subjetivas do adolescente para lidar com os impasses inerentes à irrupção do real na puberdade; os adolescentes se identificam com o modo de funcionamento fluido e amplo das redes sociais, permitindo a adesão, a qualquer tempo, a grupos de compartilhamento da autolesão. Conclui-se que o compartilhamento da autolesão, nas redes sociais, tem como um de seus argumentos a inexistência de um interlocutor com quem compartilhar a dor, a adesão às comunidades promove no adolescente um senso de pertencimento. Contudo, estes grupos possuem uma lógica de organização embasada na ressonância ou câmaras de eco, que implica na exposição de considerações que ecoam suas próprias opiniões, sendo reforçadas por um cômico de outros sujeitos que compartilham as mesmas perspectivas.

Palavras-chave: Autolesão. Adolescência. Psicanálise. Redes Sociais.

ABSTRACT

The research aims to discuss the sharing of self-injury on social networks from a literature review in the psychoanalytic perspective, taking adolescence and its relationship with social networks and the articulation between adolescence, self-injury and social networks, as a field of investigation. According to the review, self-injury is configured as one of the possible subjective responses of the teenager to deal with the impasses inherent to the irruption of the real in puberty; Adolescents identify with the fluid and broad mode of operation of social networks, allowing them to join, at any time, groups for sharing self-injury. It is concluded that the sharing of self-injury on social networks has as one of its arguments the lack of an interlocutor with whom to share the pain, joining communities promotes a sense of belonging in adolescents. However, these groups have an organizational logic based on resonance or echo chambers, which implies exposing considerations that echo their own opinions, being reinforced by a chorus of other subjects who share the same perspectives.

Keywords: Self-injury. Adolescence. Psychoanalysis. social Networks.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1- APRESENTAÇÃO DA LITERATURA SELECIONADA.....	63
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA: APORTES DA CLÍNICA PSICANALÍTICA	20
1.1. Considerações psicanalíticas acerca da autolesão.....	23
1.2. Metamorfoses da puberdade	25
1.3. Adolescência e autolesão - casos clínicos.....	28
1.3.1 A sadozinadora- se sustentando sobre suas próprias pernas.....	30
1.3.2 Ana - outra marca possível.....	32
1.3.3 Isabel - por um lugar de pertencimento.....	34
1.4. Discussão Teórica	36
1.4.1 Separação dos pais.....	37
1.4.2 Identificação de empréstimo.....	39
1.4.3 A escrita.....	40
CAPÍTULO 2 - DA RELAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES E AS REDES ÀS RELAÇÕES ENTRE ADOLESCENTES NA REDE	43
2.1. Redes Sociais e adolescência - Caminhos de enredamento do sujeito.....	46
2.1.1 Login: O saber na rede.....	48
2.1.2 Login: Sedução do tempo.....	51
2.1.3 Login: Intimidade.....	53
2.2 Considerações sobre os laços entre adolescentes nas Redes Sociais.....	56
CAPÍTULO 3. O COMPARTILHAMENTO DA AUTOLESÃO NAS REDES SOCIAIS E SUAS ESPECIFICIDADES	59
3.1 Apresentação da literatura selecionada.....	61
3.2 O que se compartilha.....	67
3.3 Com quem se compartilha.....	68
3.4 Porque se compartilha.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

O interesse em investigar o tema da autolesão na adolescência surgiu em decorrência da observação, ao longo dos últimos dez anos, durante minhas experiências profissionais, a partir da clínica psicanalítica e da sala de aula com adolescentes. Em ambos os espaços, percebeu-se o aumento de situações em que o corpo passa a ocupar lugar privilegiado, por adolescentes, para expressar o sofrimento psíquico na contemporaneidade.

Observamos que, como forma de expressar o mal-estar, os adolescentes estão recorrendo cada vez mais à prática da autolesão, que consiste em ferir a própria pele através de cortes (Demantova, 2020; Falcão, 2021). Esse comportamento chama a atenção pelo paradoxo dos rituais complexos para esconder as marcas em situações de convívio presencial, enquanto buscam expressão e visibilidade em ambientes virtuais, como as mídias sociais.

O ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia, permitiu um acesso privilegiado e uma imersão nas diversas produções científicas que abordam o tema da adolescência e, em particular, a prática da autolesão entre os adolescentes. Através dessa oportunidade, foi possível explorar e compreender a multiplicidade de perspectivas teóricas que se dedicam a investigar essa temática complexa. Além disso, a participação ativa no grupo de pesquisa R.S.I¹, com seus encontros semanais e os debates acerca dos aspectos que envolvem a adolescência na contemporaneidade, contribuíram para aprofundar o interesse no fenômeno da expressão da autolesão nas mídias virtuais.

Essa jornada de estudo e reflexão impulsionou um interesse crescente na interseção entre a adolescência, a autolesão e as plataformas de mídia digital. Ao mergulhar na literatura disponível e explorar as implicações desses fenômenos, foi possível perceber a relevância de investigar o compartilhamento da autolesão pelos adolescentes nas redes sociais. Desta forma, consideramos que a adolescência é um tema de grande importância para a práxis psicanalítica, na medida em que sua

¹ O projeto é apresentado com intuito de ampliar as ações multiprofissionais e concepções sobre o corpo e suas dimensões em contextos distintos, devido à importância para a clínica contemporânea: cursos de graduação da UFAL (Psicologia, Medicina, etc.); formação continuada dos profissionais das áreas envolvidas e assistência em saúde (especificamente no ambulatório de genética do Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes - HUPAA/UFAL). <https://sigaa.sig.ufal.br/sigaa/public/departamento/extensao.jsf>.

transição acarreta implicações fundamentais para o sujeito e o laço social. Freud em seu texto “três ensaios sobre a sexualidade” (1905) já nos advertia sobre a adolescência como um momento marcado por importantes determinações e implicações inconscientes, em decorrência da experiência subjetiva de ruptura com a vida infantil (Saviotto; Cardoso, 2006).

Entendemos que à medida que a sociedade passa por transformações sociais e culturais, os modos de vivenciar a adolescência também se reconfiguram. Neste sentido, Gomes, Pedrosa e Teixeira (2021) ressaltam que a contemporaneidade e a clínica psicanalítica vêm testemunhando uma pluralidade de respostas subjetivas dos adolescentes, a fim de tentar lidar com as intercorrências desse período pubertário.

Não sem consequências, como destaca Mendonça (2011) a psicanálise, tem sido, cada vez mais, convocada a se posicionar sobre estas respostas subjetivas que tangenciam o período da adolescência, tais como sexualidade, toxicomania, anorexia e as lesões contra e no corpo.

Diante da constância dos termos “adolescência” e “puberdade”, consideramos importante traçar algumas breves considerações a respeito da adolescência para a psicanálise. Embora Freud tenha utilizado mais frequentemente o termo "puberdade" do que "adolescência", em sua obra "O eu e o id" (1923), o autor discute que a adolescência deve ser compreendida como um tempo de descobertas. Nesse sentido, ocorre um remanejamento da organização psíquica infantil, que é orientada pela lógica fálica, e ao adolescente cabe realizar um trabalho psíquico para organizar sua subjetividade.

Nesse sentido, Mitre (2014) vem elucidar que na puberdade, as modificações do corpo promovem uma “fratura” no corpo infantil, o que causa a emergência de um sentimento de estranhamento, implicando em um profundo momento de desorientação. É a partir desta desorientação que com frequência, socialmente, se apontam “problemas da adolescência”. O que reforça a ideia da adolescência em referência à puberdade. Nas palavras de Tizio (2008) “A adolescência como categoria social é a forma em que se sintomatiza a puberdade” (p.2). Ou seja, as transformações próprias do período repercutem no modo como a adolescência se expressa.

Nesta pesquisa, escolhemos utilizar o termo "adolescência" devido ao notável aumento de uma resposta subjetiva específica, por parte dos sujeitos adolescentes, frente ao sofrimento psíquico que os afeta, no contexto atual.

Para uma compreensão mais aprofundada da autolesão e suas formas de expressão na atualidade, é importante fazer alguns registros históricos sobre a relação do ser humano com o ato de marcar o próprio corpo. Conforme apontado por Falcão (2021), a prática de se lesionar não é recente e tem raízes profundas na história da humanidade, existindo muito antes de ocupar um lugar nos manuais diagnósticos. Os rituais de cortes e automutilação já eram encontrados em diversas culturas, além dos adornos corporais utilizados para comunicar identidade, status e fé. As práticas autolesivas também se manifestavam em rituais coletivos ou individuais de passagem. No entanto, foi a autolesão solitária, realizada pelo próprio sujeito, que passou a ser objeto de investigação no âmbito clínico.

As primeiras publicações sobre autolesão emergiram do campo da psiquiatria há cerca de pouco mais de setenta anos, relatando escarificações em pacientes psicóticos (Miranda; Protti, 2019). Isto é, a autolesão estava agrupada entre um conjunto de sinais e sintomas indicativos de transtornos mentais. Atualmente, o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (2013) (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*) está em sua quinta edição. E, quando estabelecemos um paralelo com o DSM IV (1994), encontramos uma importante mudança no modo como a autolesão é categorizada.

Na quarta edição a autolesão aparecia como critério diagnóstico de outros quadros, enquanto na quinta edição aparece separado de outros transtornos e na categoria "condições para estudos posteriores". Isso evidencia que a psiquiatria tem reconhecido que a autolesão pode estar vinculada a uma variedade de fatores, não sendo necessariamente associada à presença de transtornos específicos. Além disso, a expressão "para estudos posteriores" ressalta a importância de analisar cada caso de forma específica e minuciosa, levando em consideração suas particularidades.

No que se refere a terminologia, de acordo com Falcão (2021), ainda não existe no Brasil uma padronização para o ato de machucar a pele intencionalmente, a autora acrescenta que, em português, encontramos os termos: escarificações, automutilação, autolesão, autoflagelação, escoriações e marcas corporais, assim como comportamento autodestrutivo e conduta auto lesiva. Nesta pesquisa, optamos por utilizar o termo "autolesão" para se referir a cortes mais superficiais na pele, sem intenção suicida. Isso se baseia nas considerações de Favazza (2006) que define a

automutilação como uma forma mais extrema de autolesão, caracterizada pela enucleação dos olhos e amputações de membros.

De acordo com Coutinho e Madureira (2021), entre as práticas autolesivas, o *cortar-se* tem se apresentado como recurso mais comum na adolescência para lidar com as dificuldades inerentes ao movimento de deslocamento do universo infantil em direção à busca por um lugar de inserção nos discursos sociais. Assim, o aumento de casos de autolesão nos consultórios de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, e em espaços como a escola e as redes sociais virtuais tornou a autolesão uma importante questão clínica a ser investigada (Corrêa, 2022).

No que diz respeito à articulação da autolesão e das redes sociais, é fundamental destacar a estreita relação entre a autolesão e o uso das redes sociais virtuais, no contexto contemporâneo. Vivemos em uma era em que o uso dessas plataformas se expandiu exponencialmente, tornando-se uma parte intrínseca da vida cotidiana de milhares de pessoas (Silva; Botti, 2018). Diante desse cenário, é pertinente questionar como essas relações se estabelecem no universo online e qual o impacto delas na prática e no compartilhamento da autolesão.

Nesse sentido, compreendemos que a exploração da autolesão não se limita apenas ao contexto clínico, mas, sim, que a prática clínica se beneficia quando nos dedicamos a uma análise abrangente dos fatores socioculturais e das histórias singulares de cada sujeito envolvido. Acerca disto, já nos advertiu Lacan ([1953] 1998) “Que antes renuncie a isso [à clínica psicanalítica], quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade da sua época” (p. 322). Afinal, se aproximar das contribuições que as redes oferecem sobre o tema em questão é fundamental para o estabelecimento de intervenções mais contextualizadas.

Consideramos bastante relevante tomar a internet como terreno para investigações acerca das expressões adolescentes. Essa ideia é fortalecida quando analisamos os dados reunidos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando informam que o percentual de domicílios brasileiros utilizando a internet subiu de 79,1% para 82,7%, de 2018 para 2019 e acrescenta na mesma pesquisa que a maior parcela de pessoas usuárias da rede eram adolescentes e jovens entre 10 e 29 anos de idade.

Entre nossas leituras acerca de estudos atuais em torno da adolescência contemporânea, destacamos Canavez e Herzog (2020) por delimitarem algumas

questões que têm instigado o interesse de estudiosos. 1. A questão do estatuto do corpo na contemporaneidade; 2. Qual tratamento costuma ser dispensado a esse corpo quando se entende que algo não vai bem; 3. Os destinos do mal-estar na nossa cultura e os espaços de acolhida desse mal-estar.

Em relação ao terceiro ponto, consideramos as plataformas digitais como um espaço que tem um papel importante, como afirmam os autores. Esses espaços se mostram como “terreno de compartilhamento e endereçamento desse mal-estar” (IBIDEM, p. 105), portanto, torna-se um espaço fértil para a investigação sobre os modos como o adolescente vem se servindo da rede para se expressar e compartilhar a autolesão.

A fim de nos aproximarmos desse universo virtual, realizamos uma busca em algumas redes sociais mais utilizadas por adolescentes na atualidade, à exemplo do Instagram², uma rede social visual e interativa que possibilita o compartilhamento de imagens e vídeos de curta duração diretamente do aplicativo. O Brasil é o terceiro maior mercado da plataforma, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia. O país conta em média com 69 milhões de usuários.

Utilizamos as hashtags: #automutilação; #autolesão e #comportamentoautolesivo e foram encontradas 10 páginas abertas³ sobre a temática. Algumas dessas páginas foram criadas por profissionais da área da saúde com o intuito de promover informação, conscientização e oferecer ajuda para adolescentes que se autolesionam, contudo notamos que estas páginas que foram criadas por profissionais e estudantes não têm grande engajamento quanto aquelas criadas por usuários que se reconhecem como pessoa que se autolesiona. Ou seja, ocorre a hipervalorização dos adolescentes que participam destes grupos pelo engajamento entre os próprios pares. Cabe exemplificar uma das páginas que tinha em sua descrição *‘grupo de pessoas loucas umas pelas outras, não contém informações vindas de um profissional da saúde’*.

Sobre o material apresentado, as páginas no Instagram não expõem imagens reais de cortes e lesões, mas sim imagens que aludem às práticas. Para citar um

²Conteúdo extraído do blog:

<https://www.nuovemshop.com.br/blog/o-que-e-instagram/#:~:text=Instagram%20C3%A9%20uma%20rede%20social,diretamente%20do%20aplicativo%20de%20celular.>

³ As páginas abertas permitem que qualquer usuário possa acessar os conteúdos e postagens da página.

exemplo emblemático: o desenho de um apontador de lápis em que a lâmina foi retirada e com a seguinte mensagem: *"Se você entende do que se trata essa imagem, eu sinto muito"*.

Uma das postagens encontradas oferece uma caixinha de diálogo para que os usuários escrevam a partir da seguinte questão *"O que dói?"* Um dos usuários escreveu: *"tenho cicatrizes em todo corpo e já aprendi a lidar com isso, mas as pessoas ficam sugerindo que eu faça algum tratamento para cobrir"*. A resposta a essa postagem foi a seguinte: *"Suas cicatrizes são as marcas de suas guerras e todas você venceu"*.

A partir desta pesquisa realizada na rede social Instagram, podemos observar que a interação entre os usuários dessas páginas é baseada em um elemento central compartilhado: a identificação com o ato de cortar-se, o qual fortalece os laços de união entre os membros. De acordo com Lima, Castro e Melo (2011), existe uma importante relação entre a identificação e o laço social na teoria psicanalítica. Para as autoras, a identificação permite uma representação de si mesmo e localizando-a como um processo estruturante da subjetividade, destacando que esta estaria na base do laço social.

Laço que conforme Tizio (2006) seria a relação entre os seres humanos, e que se sustenta do discurso e, por meio dele, assume as modalidades de época e marcas de uma cultura determinada. Nesta circunstância, a cultura do virtual, em que os adolescentes se identificam com as redes sociais para se fazerem ouvir e expressar, estaria marcando o modo como estes se inserem no laço social?

Sabemos que a adolescência é um tempo de muitas transformações. E entre estas Lima, Castro e Melo destacam (2011) a imposição ao sujeito de uma busca por novas identificações. As autoras, se apoiam no texto freudiano *"Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar"* (1914) para destacar a importância do desligamento que o jovem deve fazer do pai e substituir pela figura do mestre no tempo da adolescência. Ou melhor, seria então o desligamento da autoridade dos pais o motor que impulsiona a oposição entre a nova e a velha geração e, portanto, impulsionando a busca por inserção social.

Silva e Botti (2018) alertam que, a propagação e alcance da *Internet* tem chamado a atenção do público em geral, especialmente pais de crianças e adolescentes, além de profissionais da área da saúde e dos governos em relação ao problema do suicídio e da autolesão. De acordo com Brandão e Canavez (2018) as

variadas comunidades e sites da internet são visitados diariamente, especialmente pelo público adolescente.

A respeito do compartilhamento da autolesão nas redes sociais, Melo e Nicolau (2016) observam que a discussão sobre as práticas de lesionar a própria pele acontece sem resistência e de maneira espontânea nos espaços online, em contraste com a dificuldade enfrentada por muitos pacientes em abordar abertamente esse tema no contexto analítico. Frente a esta disparidade entre o comportamento dos adolescentes no ambiente virtual e fora deles, surge a seguinte interrogação: Considerando a dinâmica das interações e os efeitos subjetivos da exposição e compartilhamento da autolesão, como a literatura psicanalítica aborda o fenômeno da autolesão e quais as articulações possíveis acerca do compartilhamento por adolescentes nas redes sociais?

Cabe esclarecer que nosso objetivo não é fornecer uma resposta definitiva a esses questionamentos, mas sim apresentar possíveis abordagens para uma reflexão mais aprofundada. Desta forma, nosso estudo visa compreender a perspectiva psicanalítica da autolesão entre adolescentes, com especial ênfase no compartilhamento desse fenômeno nas redes sociais. Com base nos argumentos apresentados, o objetivo geral desta pesquisa foi: A partir de uma revisão da literatura psicanalítica, compreender o fenômeno do compartilhamento da autolesão por adolescentes nas redes sociais.

A análise da autolesão na psicanálise, a influência da virtualidade na adolescência e as complexidades dos laços formados a partir do compartilhamento nas redes sociais foram abordadas em nosso estudo, tendo como principais referências as obras de Freud e Lacan, juntamente com outros autores que foram fundamentais para nossa pesquisa, à exemplo de Tizio (2008); com seu texto *“El enigma de la adolescência”*; Mitre (2014); com *“La puberdade como ruptura o lo intraducible allí”* e Ramirez(2014) com seu texto: *“Despertar de la puberdade”*; Stevens (2011) em seu texto: *Novos sintomas na adolescência* e Lacadeé (2011) em sua obra: *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência* (2011).

Acerca da relação entre adolescência e redes sociais podemos referir Lemos e Kallas (2016) com o texto: *O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise*; Kelles e Lima (2017); com o texto *“Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica”*; e Gomes, Filho e Teixeira (2021) com o texto: *Nem ver, nem olhar*:

visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais; contamos com as contribuições de Melo e Nicolau (2016) com o texto “Cortes que salvam: um olhar psicanalítico sobre o cutting em redes sociais online; Fortes e Macedo (2017) com o texto “Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade e Corrêa (2022) com o livro “Entre o psíquico, o corpo e o virtual”.

Para embasar nosso estudo teórico, usamos entre os textos clássicos da psicanálise: Os três ensaios da teoria da sexualidade (Freud, 1905) e o Seminário 10, A angústia (Lacan, 1962 - 1963). Para complementar o nosso corpo teórico, realizamos uma busca nas principais bases de dados, como a plataforma Capes, *SciELO* e *Google Acadêmico*, e selecionamos publicações que abordassem a adolescência, redes sociais e autolesão, fundamentados pela teoria psicanalítica.

Apresentamos três relatos de casos clínicos construídos por psicanalistas que receberam adolescentes encaminhadas para análise, em virtude da realização de lesões na própria pele. Diante disto, consideramos relevante destacar o que Jerusalinsky (2004) aponta acerca do relato de caso clínico. Para o autor “Um caso é como uma narrativa qualquer [...] até que alguém nos apresenta um enigma, uma interrogação” (p.16). E, a formulação deste enigma é papel fundamental nosso, pesquisador. O caso clínico nos provoca a interrogar aquilo que bordejamos enquanto ‘buraco de ignorância’ e decidimos lidar com ele (Jerusalinsky, 2004). Ao utilizarmos os relatos de casos supracitados, objetivamos estabelecer uma conexão entre as reflexões teóricas acerca das transformações psíquicas inerentes a chegada da puberdade e a manifestação da autolesão na adolescência. Essa abordagem se baseia nos princípios da teoria psicanalítica, visando ampliar o entendimento sobre os aspectos subjacentes a essa problemática.

Com o intuito de atender aos objetivos propostos, a presente pesquisa foi delineada seguindo a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo denominado: **Autolesão na adolescência: aportes da clínica psicanalítica**, investigamos a prática da autolesão por meio de elementos ressaltados pela abordagem psicanalítica; abordamos aspectos relevantes da puberdade e seu encontro com o real do sexo, bem como suas implicações na experiência da adolescência. A posteriori, apresentamos três relatos clínicos escritos por psicanalistas, a fim de examinar e identificar aspectos significativos sobre as práticas da autolesão, estabelecendo conexões com os desafios enfrentados durante a adolescência. A exemplo da relação do adolescente e o outro; os processos de

identificação na adolescência e a escrita como forma de marcar as experiências na puberdade.

No segundo capítulo: **Da relação entre adolescentes e as redes às relações entre adolescentes na rede**, apresentamos um conjunto de referências que visam examinar a utilização da internet, especialmente das redes sociais, pelos adolescentes contemporâneos em suas práticas diárias. Em seguida, promovemos uma discussão sobre as implicações decorrentes desse *modus operandi* dos adolescentes, imersos na lógica virtual, no que tange à formação de novos vínculos sociais nas redes.

No terceiro capítulo: **O compartilhamento da autolesão nas redes sociais e suas especificidades**, demonstramos sete artigos acadêmicos que articulam as categorias autolesão na adolescência, psicanálise e redes sociais e investigam os grupos e os compartilhamentos de adolescentes que se autolesionam nas redes sociais. Através da análise desses estudos, agrupamos suas contribuições para problematizar aspectos relevantes do compartilhamento da autolesão, tais como a angústia como o que unifica o grupo; a identificação nas comunidades virtuais e os laços formados nesse espaço, explorando-os sob a perspectiva da psicanálise. Nesta análise propomos pensar como os adolescentes se agrupam, e o que os mantém unidos em um coletivo; como se dá a identificação no ambiente de grupos virtuais e quais suas características.

1. AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA: APORTES DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Para iniciar este capítulo, é relevante revisitar alguns aspectos históricos das práticas de autolesão, as quais nem sempre foram compreendidas como uma forma de expressão do sofrimento psíquico. Sendo assim, causar ferimentos intencionalmente no próprio corpo, é um fenômeno que remonta à história da humanidade (Jatobá, 2010). Embora possa parecer um comportamento perturbador e incompreensível à primeira vista, a autolesão tem sido uma expressão complexa e multifacetada ao longo dos séculos, com diferentes significados e funções em diferentes contextos culturais (Falcão, 2021).

De acordo com o psiquiatra e pesquisador de comportamentos autolesivos, Favazza (1996) essa prática pode ter raízes antigas e estar relacionada a rituais e costumes de diversas culturas. Durante o período medieval, emergiram práticas de autolesão ligadas à penitência religiosa e ao culto. Segundo Turner, conforme Falcão (2021), a flagelação era uma forma de buscar perdão divino e alcançar um estado de comunhão espiritual mais profundo. Essas práticas eram vistas como uma forma de purificação e expiação dos pecados, comunicação com o divino e transformação espiritual.

Demantova (2020) acrescenta que os rituais coletivos de determinadas culturas envolvem escarificar o corpo como prática comum e coletiva representando a passagem de uma condição social para outra no interior do grupo. Conforme a autora, nessas circunstâncias a pele do sujeito é marcada por outra pessoa que já teria alcançado o novo status social. Ou seja, nesse contexto os cortes são admirados e incentivados pelo meio e o significado das marcas compartilhados pelo grupo.

No contexto contemporâneo, a autolesão tem sido objeto de estudo e reflexão por parte de pesquisadores e profissionais de saúde mental. Segundo Nock (2010), a autolesão pode estar relacionada a uma série de fatores, como a regulação emocional deficitária, o alívio temporário de sintomas negativos, a busca de controle ou apaziguamento de angústias e pedidos de ajuda.

É fundamental destacar que a compreensão da autolesão demanda uma abordagem que leve em consideração os fatores singulares e contextuais envolvidos. Favazza (1996) destaca a importância de abordar a autolesão como um sintoma de

sofrimento emocional subjacente, em vez de apenas rotulá-la como um transtorno em si. Essa perspectiva ressalta a importância de olhar para além dos comportamentos autolesivos em si e buscar apreender as motivações e as condições psíquicas que os impulsionam.

Ao reconhecer a autolesão como um sintoma, abre-se espaço para uma abordagem mais abrangente, que busca entender a complexidade do sofrimento emocional e oferecer suporte e escuta adequados para lidar com suas causas subjacentes. Dessa forma, a compreensão da autolesão é enriquecida ao considerar a singularidade de cada sujeito e as circunstâncias emocionais que permeiam sua experiência.

A psicanálise é a base teórica que fundamenta nosso entendimento da autolesão. Neste sentido, aprofundaremos algumas premissas essenciais da psicanálise em relação a essa temática em questão. Neste contexto, cabe ressaltar as motivações que nos levaram a tomar a clínica como ponto de partida nesta pesquisa que tem como linha de chegada as redes sociais. A escolha de iniciar pela clínica psicanalítica se justifica pelo seu papel fundamental na compreensão dos processos psíquicos que se encontram em jogo durante a adolescência.

A autolesão na adolescência é um tema que desperta interesse crescente tanto na prática clínica quanto na pesquisa acadêmica. No entanto, é importante destacar que a autolesão não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser contextualizada dentro do encontro singular de cada adolescente com o real da puberdade. É neste sentido que consideramos a clínica com adolescentes um importante panorama para entendermos como a autolesão tem se manifestado enquanto resposta subjetiva adotada pelos adolescentes na contemporaneidade, para posteriormente aprofundarmos o compartilhamento destas marcas nas redes sociais.

Stevens (2004) apresenta a clínica da adolescência descolada da noção de crise comumente veiculada no discurso social. Trata-se de uma clínica do sintoma, e que nada tem a ver com uma adolescência problemática, mas sim com as tentativas adolescentes de responder, cada um ao seu modo, considerando que há diferenças conforme as escolhas do sujeito, para lidar com os impasses do período pubertário. Stevens (2013) reforça tratar-se de uma resposta sintomática, mas não patológica, tomando o sintoma como uma produção estabilizante.

O ato, que consiste em auto infligir cortes superficiais ao próprio corpo, ainda é permeado de enigmas diante da aparente contradição que é provocar dor a si mesmo para evitar um mal-estar. A falta de entendimento em torno do ato tende a disseminar algumas conclusões estigmatizantes como a associação do ato à busca por atenção, fraqueza ou manipulação (Falcão, 2021).

Neste sentido, Falcão (2021), ao pensar as formas que a autolesão tem sido abordada, faz alusão aos feixes de um arco-íris e destaca três feixes que ainda permeiam os discursos em torno da autolesão: o feixe da patologização, associado a um tratamento medicamentoso; o feixe da banalização, tomado como mera necessidade de chamar a atenção e que implica na desqualificação do sofrimento do adolescente que se lesiona, e o feixe que aponta para um aspecto cultural e ritualístico.

No que diz respeito aos dois primeiros aspectos mencionados, surge a reflexão sobre a possibilidade de parte do silenciamento associado àqueles que se envolvem em comportamentos autolesivos estar relacionado ao receio de ser estigmatizado por meio de uma patologização simplista ou de ser banalizado. Acerca disto, Botrel (2014) enfatiza que algumas abordagens reduzem o sintoma a um transtorno ou distúrbio, e que, conforme a autora aponta, "tem que sumir do mapa antes de se perguntar pelo sentido que encerra para cada sujeito que sofre" (p. 64). Sendo assim, a singularidade do caso a caso é dissolvida resultando no emudecimento do sintoma. Considerando o que há de único em cada história, pretendemos apontar nos casos analisados quais aspectos da adolescência têm contribuído para eleição da autolesão como resposta subjetiva frente à emergência da angústia.

Para a estruturação deste capítulo seguimos a seguinte organização: Delimitamos as contribuições da psicanálise sobre o tema em questão, a fim de compreender a autolesão na perspectiva da referida teoria. Posteriormente, apresentamos três relatos de casos clínicos que ilustram distintas formas do fenômeno da autolesão se apresentar na clínica psicanalítica. Por meio desses casos, examinamos as particularidades e os pontos de articulação entre o ato de se autolesionar e a adolescência, destacando os aspectos psíquicos envolvidos.

1.1 CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DA AUTOLESÃO

Os estudos acerca da autolesão apresentam dentro de suas especialidades, sejam elas médicas, psicológicas ou antropológicas, discussões e elaborações

teóricas que visam oferecer respostas acerca desta modalidade contemporânea de atuação entre adolescentes, ainda tão cercada de enigmas. Nesse contexto, a psicanálise, também, vem buscando contribuir, através de pesquisas, discussões e da clínica com adolescentes que apresentam “comportamentos” autolesivos.

As aspas colocadas sobre a palavra “comportamento” são na tentativa de corroborar o que destaca Lacadeé (2007) acerca de como a psicanálise compreende a autolesão. Para o autor, não se trata de uma desordem do comportamento produzido sem que ele (o adolescente) tenha, como sujeito, a possibilidade de dizer algo. Entendemos esse “dizer algo” não como uma justificativa que confira sentido pleno para o ato de cortar-se, mas dizer algo no sentido de apontar aspectos relacionados ao seu mal estar.

Lacadeé (2007) sugere que a constância dos atos na atualidade dá sinais de uma nova clínica, que tem a ver com uma certa prática de ruptura, um curto-circuito da relação com o Outro. Sob essa perspectiva, Falcão (2021) destaca que os atos frequentemente denotam algo que não vai bem com os outros, representando uma resposta em ação para o que desperta angústia e naquele momento não coube palavras.

Acerca da articulação entre autolesão e adolescência, Cidade e Zornig (2021) destacam que estudos realizados em diferentes países como Estados Unidos, França e Brasil, apontam a adolescência como o momento mais frequente para o surgimento de autolesões, assim como a prevalência neste tempo, quando comparado a outros momentos da vida. Embora, com frequência, os adolescentes apresentem dificuldades para explicar suas motivações para se cortarem, Matozinho, Calazans e Souza (2010) pontuam que “diante dos impasses que estão presentes neste tempo, o sujeito pode fazer do ato, sua resposta ao impossível de dizer” (p.95). Deste modo, o ato de cortar-se é uma ação frente a um mal estar difícil de nomear.

No que se refere ao conceito de ato para a psicanálise, Lacan (1967-1968) destaca que "o ato é, por sua própria dimensão, um dizer. Um ato diz algo" (p. 93). E entre as formas que esse dizer se exprime, Lacan (1962-1963/2021) faz uma importante distinção acerca do *acting out* e a passagem ao ato, a partir da análise da posição do sujeito na cena. Nessas circunstâncias, a "cena" representa o campo do simbólico, onde a linguagem, as normas sociais e as estruturas simbólicas operam. É nessa cena que ocorrem as interações sociais e os processos de significação.

Lacan (1962-1963/2021) afirma que a passagem ao ato se trata de uma queda do sujeito para fora da cena, onde este se precipita e despenca. Ou seja, essa queda para fora da cena simbólica implica uma perda momentânea da capacidade de subjetivar e articular os conteúdos psíquicos através da linguagem. É como se o sujeito fosse tomado por uma urgência incontrolável de agir, sendo levado para além dos limites do discurso e da elaboração simbólica.

Já no *acting out*, temos uma sustentação da cena onde o sujeito apenas reafirma ou reforça a dinâmica da cena, mantendo-se preso em suas angústias ou conflitos sem conseguir avançar para uma elaboração simbólica. Essa sustentação da cena no "*acting out*" implica que o sujeito permanece preso em padrões repetitivos de comportamento ou situações, no intuito de apaziguar a angústia, mas que não permitem uma resolução efetiva.

Ao pensarmos esse caráter do *acting out* de operar enquanto moderador da angústia, porém mantendo-se em um circuito de condutas de risco, vislumbramos a figura do adolescente que diante da irrupção do real da puberdade e as transformações subjacentes a este tempo, experimenta a 'desorganização' de uma montagem na qual o sujeito se equilibrava durante a infância (Jucá; Vorcaro, 2018). Acerca destes desafios pubertários, Matozinho, Calazans e Souza (2010) destacam que diante desses impasses, o sujeito poderá fazer do ato sua resposta ao impossível de dizer.

Neste sentido, pressupomos que o que está em jogo nos atos de autolesão é uma tentativa de atenuar a angústia que emerge diante da revivência de questões primárias, por meio do agir como um *acting out* (Lacan, 1962-1963/2005). Ainda acerca desta diferenciação, Lacan destaca que "O *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro deve ser destacada" (1962-63/2005, p.137). Na transferência, o *acting out* convoca o analista à sua função como Outro. Já a passagem ao ato visa romper com o Outro. Ao contrário da passagem ao ato que delimita um rompimento com o Outro.

O trabalho analítico com adolescentes permite desencadear o que a princípio chega como uma demanda cirúrgica: "Parem de se cortar", mas como pontua Focchi (2014) o trabalho analítico não opera através da via cirúrgica, que busca eliminar o sintoma, mas da experiência da transferência, que redesenha a via do amor. Melhor

dizendo, inicialmente, mais do que buscar um sentido, cabe recolher qual função tem para cada uma das adolescentes lesionar-se.

Faz-se importante reforçar o nosso compromisso em investigar a autolesão sem prendê-la em um sentido único. A análise dos casos clínicos permitiu a identificação de padrões comuns, assim como a observação de características específicas presentes em um caso singular, o que sedimenta a reflexão de que cada adolescente atravessa a adolescência de um modo diferente, e busca recursos distintos para lidar com os impasses do período pubertário, mas também buscam recursos iguais, o corte na pele, para responder a questões que tocam de formas distintas cada um deles.

1.2 ADOLESCÊNCIA E AS METAMORFOSES DA PUBERDADE

Ao analisarmos o célebre texto freudiano, “três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, (1905), encontramos em seu terceiro ensaio o que Freud apontou como mudanças que levam a sexualidade infantil a novas reconfigurações. Sendo assim, a entrada na puberdade irá despertar as pulsões sexuais de modo mais intenso. Acerca deste momento, Matozinho, Calazans e Souza (2019) enfatizam que “a puberdade é o real que opera a desestabilização das bases infantis, por meio do (re) despertar da sexualidade e do excesso libidinal, exigindo novos manejos para nova estabilização subjetiva” (p.96).

Manejos que implicam em importantes tomadas de decisão, atravessadas por questionamentos do sujeito, acerca dos referenciais simbólicos que antes o orientavam. É neste sentido que Stevens (2004) postula que após a infância certas escolhas são feitas, mas de maneira não definitiva, e orientada pelas figuras parentais, sendo na adolescência que importantes escolhas como a de objeto e de posição quanto a sexuação são retomadas frente a irrupção do real da puberdade. Compete ao adolescente lidar com as novidades pubertárias, e suas implicações subjetivas, por conta própria.

Sobre este tempo de escolhas, Matozinho, Calazans e Souza (2019) afirmam que:

Desalojados da referência idealizada do outro da infância, podemos dizer com Freud (1905) e com Lacan (1974) que a puberdade acena para um acontecimento no corpo caracterizado por seu efeito de trauma, marcando o encontro com o novo que escapa à significação, uma falha no saber [...].

Esse novo diz respeito a um descompasso marcado pela realidade sexual, descoberta a partir do inconsciente, que implica a ausência de um saber naturalizado sobre o sexo, fazendo do encontro com o real do sexo, sempre traumático (p.96).

No que se refere a falha no saber, em que o adolescente não possui um conhecimento naturalizado que o posicione diante do real do sexo, juntamente com a necessidade de uma reorganização psíquica antes infantil, impõe ao sujeito adolescente um longo trabalho de elaboração inconsciente.

A esse intenso trabalho psíquico Lesourd (2004) nomeia como 'operação adolescente' e destaca caber a cada um encontrar aquilo que funcionará como recurso para "edificação de novas balizas identitárias" (p.82), ampliação do campo de trocas sociais e ponto de ancoragem do seu psiquismo. (Jucá e Vorcaro, 2019).

A experiência da adolescência é difícil não apenas pelas lutas externas que o adolescente precisa empreender com o seu tempo para se fazer ouvir, mas também interna por se tratar de um momento em que esta precisa lidar de forma inventiva com os desafios que emergem deste contexto. As modificações do corpo produzem uma fratura no corpo infantil o que causa a emergência de um sentimento de estranheza, que se depara com algo intraduzível na linguagem do outro, deste modo, parece que adulto e adolescente se comunicam em línguas distintas. Para Tízio (2008) ocorre uma falha no saber tanto para o adulto como para o adolescente porque há um enigma em jogo.

Nesse sentido, Falcão (2021) destaca que o mal-estar dos adolescentes, com frequência, se revela nas situações em que não conseguem compreender em que lugar os adultos o colocam. Ou seja, existe para o adolescente, um estranhamento acerca da posição ocupada na relação com o outro, seja porque as exigências se dão de forma distinta da infância, seja porque o sujeito já não se reconhece no lugar em que estão para as figuras parentais.

Neste aspecto, Soler (2018) vai nomear como "veredito do Outro" as palavras em que se atribui algo ao sujeito. Conforme a autora, estes significantes tornam-se injuriosos quando o sujeito se percebe diverso da qualificação que lhe é lançada, mas não sabe em que lugar identitário se coloca. Sendo assim, em meio aos desafios inerentes a irrupção do real do sexo, o adolescente ainda precisa lidar com a operação do desligamento da autoridade parental (Freud, 1905) e a busca por identificações

com outras figuras que possam lhe oferecer algum suporte neste período de instabilidade identitária.

Esse fato pode ser bastante conturbado para o adolescente, pois os referenciais parentais foram por muito tempo a lei, a ordem, a bússola. Saggese (2021) nos adverte que diante da carência de trilhas simbólicas para conduzir a alguma estabilização identitária pode-se propiciar a abertura da larga avenida da patologização da vida. Deste modo, entendemos que quando os referenciais e as estruturas simbólicas que tradicionalmente sustentam a construção da identidade se tornam escassos ou insuficientes, os adolescentes podem se sentir perdidos, sem uma base sólida para se apoiar.

Essa falta de referências claras pode gerar um estado de incerteza e angústia, levando a uma busca desesperada por respostas e soluções imediatas. No que diz respeito a essa busca desesperada por respostas, Lacadée (2007) oferece uma contribuição esclarecedora sobre o assunto. Conforme o autor, o termo “desesperado” vem do antigo francês “*désarroyé*”, que quer dizer “sem o Outro”. Essa conexão linguística aponta para a importância do “Outro” na construção identitária, em um momento tão singular em que o adolescente tem dificuldade para traduzir em palavras o excesso pulsional que o pressiona.

Lacadée (2007) esclarece que o adolescente é pressionado pela pulsão, ou melhor, por alguma coisa que se agita nele o impulsionando a agir. O autor toma de empréstimo um trecho do poema “Vagabundos”⁴, escrito pelo poeta francês Arthur Rimbaud, para ilustrar a agitação pulsional que motiva o adolescente a se mover em busca de algo que permita que o mesmo possa se reconhecer. Para Lacadée (IBIDEN) é como um empurrão no sentido de encontrar “o lugar da fórmula” onde ele poderá dizer alguma coisa, para agarrar a fórmula de sua existência. Entendemos que a ideia de “o lugar da fórmula” sugere a procura por uma linguagem, uma forma de expressão que permita ao sujeito dizer algo sobre si mesmo, capturar a essência de sua existência. Trata-se de encontrar uma fórmula pessoal, uma maneira de se conectar com o mundo e se reconhecer dentro dele.

Ao refletirmos sobre essa pressa em encontrar “o lugar da fórmula”, não há como prescindir do encontro dos adolescentes com as plataformas virtuais, com

⁴ Eu tinha prometido de fato, do fundo do meu coração, recuperar seu estado de filho primitivo de sol, - e vadiávamos, alimentados pelos vinhos das cavernas e pelo biscoito do caminho, eu com pressa de encontrar o lugar e a fórmula.

ênfase para as redes sociais, pois estas fornecem uma ampla gama de ferramentas e recursos ilimitados que permitem aos adolescentes criar identidades online, compartilhar suas opiniões, interesses, paixões e até mesmo narrativas de suas vidas (Kallas, 2016). Contudo, o encontro do adolescente com o universo virtual será abordado em um momento subsequente dessa pesquisa.

A seguir, apresentamos três relatos de casos clínicos que ilustram a jornada de algumas adolescentes em sua busca por encontrar sua própria fórmula pessoal e seu lugar no mundo. Esses relatos revelam os diferentes caminhos percorridos nessa busca, destacando a presença de comportamentos de risco como a autolesão.

1.3 APRESENTAÇÃO DOS CASOS

Objetivando delimitar as especificidades da autolesão na clínica psicanalítica, e examinar a maneira singular pela qual o ato se introduz em cada história, apresentamos três relatos de casos clínicos discutidos por psicanalistas nos seguintes textos: 'A Sadominadora' (Dhéret, 2015); 'Outra marca possível' (Iammateo, 2014); '*La clínica psicoanalítica y los síntomas contemporâneos*' (Amadeo de Freda, 2019).

O artigo intitulado "**A Sadominadora**" foi publicado na revista *Latusa* (2015) pela psicanalista Jaqueline Dhéret, por meio da Escola Brasileira de Psicanálise. O texto propõe elucidar a distinção entre sintoma e passagem ao ato, ressaltando que a confusão desses dois conceitos pode levar a uma abordagem autoritária de algo que, dessa forma, se transforma em um transtorno. A autora destaca que para a psicanálise a passagem ao ato é um curto-circuito no sentido de atestar um fracasso do sintoma, que em certa medida nos permite circular no mundo mais ou menos bem. Para Dhéret (2015) ao se interessar pela passagem ao ato, estamos nos envolvendo com a lógica, a linguagem e a experiência corporal. E por meio do trabalho analítico, é possível identificar não uma causa ou sentido específico, mas sim uma decisão subjetiva.

O texto **Outra marca possível** (Iammateo, 2014) é um dos casos apresentados no livro *Cuerpos que buscan escrituras*, organizado por Éric Laurent (2014). O caso em questão é organizado em seções que abordam aspectos relevantes da situação. A seção intitulada "Do silêncio ao corte" descreve a chegada da jovem à análise e as queixas relatadas pela família de Ana. Em seguida, a seção

"Fazer-se de homem... alivia" aborda os conflitos relacionados à autoimagem da jovem. A terceira seção, intitulada "Da angústia ao corte e a possibilidade de um tempo entre ambos", explora as tentativas de Ana em estabelecer novas relações e lidar com sua falta, porém, as frustrações decorrentes da ausência do reconhecimento do outro a levam a recorrer à autolesão.

La clínica psicoanalítica y los síntomas contemporáneos, é um texto encontrado no livro *"Bullying, ni-ni e cutting en los adolescentes: trayectos del padre a la nominacion"*. A obra propõe discutir algumas vinhetas clínicas em torno do bullying, dos nem nem, expressão contemporânea que se refere a jovens que nem estudam e nem trabalham e do *cutting*, ou seja, o fenômeno das autolesões empreendida por adolescentes. No contexto do capítulo, o caso específico de Isabel foi selecionado devido à peculiaridade da função dos cortes para essa adolescente.

A seleção desses casos é fundamentada na maneira pela qual cada um deles apresenta o fenômeno da autolesão em contextos amplamente distintos, o que contribui para a análise de elementos comuns que perpassam os três casos, enquanto respostas subjetivas e complexas à experiência da puberdade, mesmo diante de suas notáveis diferenças.

Através da análise desses casos, buscamos explorar as múltiplas dimensões envolvidas no ato de se autolesionar durante a adolescência, considerando tanto os aspectos da singularidade como os contextuais. Eles nos oferecem a oportunidade de examinar as motivações e as dinâmicas psíquicas presentes nessa manifestação específica do sofrimento adolescente. É importante ressaltar que esses casos clínicos são apresentados com o objetivo de ilustrar e enriquecer nossa compreensão do tema em questão, levando em consideração a complexidade e a singularidade de cada situação. Eles contribuem para a reflexão teórica na medida em que possibilitam validar e aprimorar teorias já existentes, assim como gerar novas hipóteses para o campo de estudo, a exemplo do processo de escrita ao longo do processo analítico como mais uma resposta possível frente a angústia.

1.3.1 A Sadominadora

Dhéret (2015) apresenta o encontro com Chloé, uma adolescente de 16 anos, que por ordem judicial, iniciou seu tratamento em uma instituição de menores, em

virtude de sua relação violenta com sua mãe. A autora destaca que a violência entre mãe e filha decorre do fato da mãe de Chloé não saber lidar com as passagens ao ato da filha.

Cabe localizar o conceito de passagem ao ato introduzido por Lacan (1962) em seu décimo seminário, e destacar, quando o psicanalista considera tal passagem como a resposta do sujeito à angústia. Lacan (1962) qualificou a passagem ao ato como um momento de total embaraço para o sujeito, ou seja, um nível de perturbação tão grande que o sujeito “se precipita e despenca fora da cena”. (p.129). Ao tomarmos a cena como o campo do simbólico e as relações sociais, a passagem ao ato seria um desinteresse por tentar qualquer reconciliação com o Outro.

Acerca desse momento conturbado para Chloé, Dhéret (2015) retrata a chegada da adolescente como “marcada pelo signo da urgência” (p.02). *“Ela me diz nesse primeiro encontro, que vai morrer de suicídio, mais tarde, ao contrário de seus pais que só fazem tentativas”*. O fundamento para esta afirmação de Chloé encontra-se em suas experiências de infância. A adolescente trouxe em sua narrativa uma infância atravessada por momentos de alarme, nos quais ela devia chamar ora a polícia para apartar seus pais em conflito, ora os bombeiros para salvar aquele que tivesse atentado contra a própria vida.

A autora destaca ainda que, atualmente seus pais são divorciados, sua mãe trabalha em uma clínica para alcoolistas em recuperação pois abandonou o vício e seu pai voltou a morar com a mãe dele.

A autora explica que, Chloé pertence a um movimento gótico de tendência sadomasoquista e nesta comunidade ela era desafiada a sempre ir mais longe nas feridas que se infligiu publicamente (queimaduras de cigarro, de faca aquecida, feridas profundas no antebraço) e essas lesões, em certos casos, demandam a necessidade de direcionamento para cuidados médicos. Para a analista, Chloé revela não ter amigos, mas gosta do fato de ser respeitada por sua coragem e sabe que a dor que aflige a si mesma, sob o olhar dos outros, é um gozo que pode obrigá-la a ir até a morte. Dhéret (2015) considera que a identificação ao movimento gótico lhe permite encontrar um operador que dá forma de corpo à vida, embora a lógica de suas atuações seja mortal.

No que se refere a esse gozo, a partir do olhar do outro, Dhéret (2015) destaca que a adolescente se recorda de sua infância quando arranhava as bochechas até sangrar, e obter o olhar assustado da mãe. Neste sentido, a analista constata que

encontrar um olhar apavorado com a visão de sangue lhe dá consistência, ao explicar que:

“A menina faz transitar pelo outro um olhar aterrorizado que por sua vez lhe dá uma ideia de si mesma como corpo, e o não olhar do outro lhe causa angústia extrema com o risco de dissolução do seu ser, ou seja, suas práticas de autolesão aparecem nos momentos de despersonalização” (p. 03).

Podemos constatar a importância da visibilidade para Chloé, ela chama atenção para si ao associar-se a um movimento gótico, no qual as vestimentas e maquiagem já atraem olhares, e chama atenção novamente dentro do grupo, quando busca empreender ferimentos cada vez mais profundos. De acordo com Dhéret (2015) a adolescente se reconhece como autoridade no grupo, por ser a mais determinada em queimar o braço com faca aquecida e cigarro provocando feridas profundas no antebraço. (p. 02).

Quando a adolescente não recebe os olhares que lhe dão consistência, ela escreve mensagens de texto para sua analista nas madrugadas de forte angústia. É interessante pensar que assim Chloé consegue mais uma vez chamar a atenção para si, não, dessa vez, através de seus cortes, mas de outra forma de marca, a escrita.

Dhéret (2015) relata ter realizado uma intervenção seguindo uma das formas que Chloé gosta de se expor, que é através da escrita violenta. A analista explica que solicitou a Chloé escrever sua percepção das entrevistas, o que resultou em uma produção inédita, sob a forma de poemas curtos, assinando a partir de um nome que construiu sob a transferência. “*A Sadominadora*”. Para Dhéret (2015) “Chloé se fabrica um nome que testemunha seu gozo e que resume o que ela narra ao longo das sessões como um estilo de vida: gosta de dominar [...]. A posição é, com efeito, sádica: ferir o outro se ferindo” (p.04).

Conforme a analista, é a partir dessa nomeação para sua autoria enquanto poetisa (a sadominadora), que deu início a paralisação de sua conduta de risco. Progressivamente, Chloé vai se afastar do movimento gótico. Vai manter a bússola da pequena ficção de existência, na qual conseguiu acomodar seu ser.

1.3.2 Ana - Outra marca possível

Iammateo (2014) apresenta o encontro com Ana, uma adolescente de 15 anos, que chega ao consultório trazida por sua mãe, após ter feito cortes superficiais em seus braços e por apresentar um quadro de anorexia. Os cortes têm relação com

uma briga que teve com dois companheiros, um homem e uma mulher, com quem se vinculava através do Facebook, fazendo se passar por homem. Quando estes descobrem a mentira acontece a briga, e aparecem os cortes nos braços.

O texto sobre o caso não deixa claro se esses companheiros virtuais de Ana eram conhecidos, mas de acordo com um dos cortes desenhava a letra do nome de sua companheira, e logo após esse episódio sua mãe decide mudá-la de escola. É possível observar, que além dos cortes na pele e a anorexia, a sexualidade de Ana também é uma questão relevante para sua família, pois conforme a menina revela para sua analista, seus pais dizem que ela deve vestir roupas mais femininas e seu irmão diz que as pessoas irão confundir-la com um macho.

Iammateo (2014) destaca na fala de Ana um aspecto importante acerca de sua relação familiar, ela confessa que seu propósito é terminar internada, pois dessa forma saberia quem se preocupa com ela. Deste modo, Ana parece convocar os pais a ocupar seu lugar desejante diante dela. Ao ser assinalado este último ponto, Ana deixa claro que seu irmão gêmeo é o centro da família, “ele consegue chamar a atenção de todos” (p.01). Em síntese, Ana desejava obter a atenção de seus familiares, assim como o seu irmão atraía os olhares para si.

Apesar da dificuldade inicial para falar nas sessões, Ana confia para sua analista que seus problemas com a comida se iniciaram há um ano, após a morte de seu avô materno. “Ele reparava em mim, fazia eu me sentir querida” (p.01). Esta fala de Ana nos mostra que o olhar do outro a organiza e quando a jovem perde esse olhar que a fazia sentir-se querida perde, também, a referência de ser importante para alguém.

A autora aponta que a família começa a manifestar preocupação e a ocupar um lugar de constante presença nas consultas dedicadas a Ana, então a psicanalista opta por iniciar entrevistas familiares, separadamente, para preservar o espaço do tratamento próprio da paciente. Em uma dessas entrevistas é proposto ao pai que fale sobre Ana, e, de acordo com Iammateo (2014) este não consegue dizer nada, fica em silêncio.

Acerca da dificuldade dos pais em lidar com os modos de agir dos adolescentes, Mitre (2014) faz uma interessante reflexão: que “o não saber lidar dos pais, com as experiências de seus filhos” faz parecer que estes não fizeram a travessia da adolescência. No entanto, o autor prontamente corrige essa generalização, enfatizando que a adolescência não é uma experiência uniforme para

todos. Resumindo, os pais de Ana vivenciaram outras ordens de experiências, em um outro contexto do adollescer. Seria um misto entre o que é estranho e ao mesmo tempo familiar.

Em um dado momento do tratamento, Ana começa a escrever mensagens de texto para sua analista quando está angustiada, mas não responde às chamadas. Esse comportamento nos sugere que Ana não buscava estabelecer uma troca ativa, mas sim compartilhar sua angústia, resultando na sua relutância em atender às ligações da analista.

No contexto contemporâneo, observamos que os adolescentes têm uma preferência crescente pela comunicação escrita, especialmente nas redes sociais (Lima, 2009). Nesse sentido, podemos entender as mensagens de Ana como uma manifestação desse comportamento típico de muitos adolescentes, que privilegiam a escrita como forma de expressão. Iammateu (2014) observa que, pela via das mensagens escritas, Ana começa a dizer mais que na sessão. E nesse processo, os cortes vão cedendo, restando as marcas.

Para Ana, as marcas também têm sua função. Ela verbaliza nas seções: “vejo as marcas e sei que quando se forem vou querer me cortar de novo” (p.02) A partir dessa afirmação de Ana, a psicanalista Iammateu destaca a necessidade das marcas, no caso de Ana, para lembrar e mostrar aos outros o seu sofrimento. Podemos indagar se ainda não serviria como um testemunho para ela mesma. O caráter de repetição é o que atenua a angústia de Ana, mas “Haverá outro modo de deixar marcas do sofrimento?” (p.03).

Quando o silêncio retorna às entrevistas, a psicanalista pergunta pelo romance que Ana está escrevendo, do qual é possível desenvolver uma conversa sem inconvenientes. Ana descreve o protagonista como alguém negativo e fechado. Relata as adversidades que ele teve que enfrentar. Iammateu (2014) intervém perguntando-lhe o que pensa que ele faria com as cicatrizes. Ana responde que ao escrever sobre suas experiências com cada marca, ela poderia lembrar como se sentia na época e sentir o alívio de ter superado essas situações. No caso de Ana, percebemos novamente a escrita como alternativa para a adolescente simbolizar de outra forma que não pela via do corte na pele.

1.3.3 Isabel - O encontro com um lugar de pertencimento

Amadeo de Freda (2019) apresenta a história de Isabel. No caso em questão, não é mencionado como a adolescente chegou ao tratamento, nem qual foi a queixa apresentada inicialmente, no entanto, de acordo com a psicanalista, Isabel relata que não está mais sofrendo com o vazio causado pelas colegas da escola. Ela não tem certeza do motivo, mas sente que não se encaixava naquele ambiente. Isabel sente-se encaixada, desde que encontrou um grupo onde não pode haver diferença entre seus membros, sejam homens ou mulheres, ali são todos iguais. “Aí sim tem homogeneidade” disse a adolescente para sua analista.

Identificamos, na narrativa de Isabel, apresentada por Amadeo de Freda (2019) um certo conforto em ter sido abraçada por um grupo que ela nomeava como “de iguais”, ainda que essa igualdade custe o preço da adequação dela, às regras e aos códigos de conduta estabelecidos pelo grupo que a adolescente se reunia na praça. Ao tomarmos a adolescência como um período de instabilidade identitária (Jucá e Vorcaro, 2019), observamos que mais do que encontrar um grupo que se identifique, para Isabel importa ser acolhida por um grupo que aceite tomá-la como membro de uma identidade construída coletivamente.

Amadeo de Freda (2019) aponta que Isabel seguiu todos os passos para ser aceita ao grupo (cortou o cabelo, retirou piercings e escondeu as tatuagens visíveis, ela uniformizou a cor da roupa e de seus semblantes), e destaca suas expectativas de ser aceita definitivamente por parte do comitê fundador.

Conforme aponta a autora (2019) a adolescente disse que na semana que antecedeu a sessão, foi a sua prova de fogo. Para pertencer ao grupo precisaria passar pelo ritual de cortar-se e ela informa que atravessou este rito feliz. A respeito de cortar a própria pele, a menina conta que sabia que alguns de seus colegas da escola já faziam isso, mas nunca se sentiu atraída por esse comportamento. Em defesa à prática, Isabel diz “Mas lá no grupo é diferente, porque o propósito é diferente, está a serviço da abertura de novos horizontes da fraternidade”, mostrou o que a analista chamou de ‘marcas que testemunham a passagem por esse rito de iniciação contemporânea’ (p.3), e ela leva seu estigma orgulhosa, como símbolo de pertencimento a nova confraria, e abandonando o que a jovem chama de “mundo imposto pelos adultos”.

Estudiosos da adolescência, como o antropólogo Le Breton (2011) ao analisarem as sociedades tradicionais apontam que os ritos coletivos que demarcavam a passagem para a vida adulta se perderam na atualidade, e que tornar-

se homem ou mulher passa por um caminho pessoal. A passagem enfatizada por Amadeo de Freda (2019), relacionada ao orgulho de Isabel ao passar pelos testes para ingressar no grupo da praça, nos leva a refletir se a adolescente não está resgatando rituais que eram praticados de forma coletiva, quando ela se encontra e se identifica com um grupo de outros adolescentes, que proporciona a sensação de unidade grupal. Com a distinção, de que ela refere o desejo de se diferenciar, distanciar das imposições da vida adulta. Em outras palavras, Isabel, de modo inconsciente, parece tentar evadir das responsabilidades de uma vida adulta e um corpo que assume formas adultas.

A adolescente demonstra entusiasmo diante da perspectiva de pertencer a um movimento “sem liderança” e que se sustenta por um laço de pares dispostos a serem iguais, a partir da imposição e correspondência de suas convicções. Como diz Amadeo de Freda (2019): “Ela nem sabe ao certo quais são as convicções do grupo, mas acredita serem as suas” (p. 184). Isabel não faz parte das adolescentes que se cortam para aliviar a dor, para ela cortar-se é uma experiência consagratória que a une a um novo universo imaginário. Assinar a adesão e fidelidade ao grupo. Em outras palavras, os cortes que Isabel fez na pele funcionaram como uma espécie de assinatura, marcando sua entrada em uma nova associação. Em suma, para a adolescente o corte físico é também um corte, uma cisão com as referências que norteavam sua visão de si, do mundo e das relações.

1.4 - Discussão teórica

A partir da análise dos casos clínicos das adolescentes Chloé, Ana e Isabel, pudemos encontrar elementos que nos permitem considerar a autolesão para além dos cortes. As intervenções realizadas pelas psicanalistas que acompanharam as adolescentes demarcaram importantes aspectos relacionados à operação adolescente e que estão na mesma esteira da conduta auto lesiva, como desenvolvemos nessa discussão.

O dicionário oferece uma ampla variedade de palavras para descrever os fatos, e quando essas palavras não são suficientes, existem inúmeros sinônimos que podem ser utilizados para tentar transmitir um sentido possível. No entanto, há momentos em que nos deparamos com a dificuldade de encontrar palavras para

expressar aquilo que não sabemos dizer ou descrever. Como podemos encontrar uma linguagem para comunicar o indizível?

Segundo Botrel (2014) a repetição dos cortes no corpo aponta a impotência das palavras para significar os acontecimentos inéditos da puberdade. Ainda neste sentido, Lacadée (2007) acrescenta que: “O sujeito pelo viés da marca de sua ferida tenta escrever no corpo a fórmula desse impossível de dizer”. Essa impossibilidade no dizer se dá por tratar-se da irrupção do real. Para Lacan (1964) o Real refere-se àquilo que escapa à simbolização e à representação linguística. É uma dimensão que está além do domínio do sentido e da ordem simbólica. Em outras palavras, é uma dimensão que não consegue ser apreendida pela cadeia significante, logo, materialmente faltam as palavras.

Foi a partir dos casos das adolescentes e das formulações encontradas pelas mesmas para lidar com os seus “impossíveis de dizer” que propomos uma discussão a partir do que se destaca nos casos, em articulação com alguns estudiosos da psicanálise que se dedicam a avançar nos estudos da adolescência e seus atos, enquanto questão.

1.4.1 - DO CORTE SIMBÓLICO AO CORTE REAL: UMA TENTATIVA DE SEPARAÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS

A partir dessa compreensão, identificamos nas narrativas do caso de Chloé um intenso desejo de se diferenciar de suas figuras parentais. A exemplo da fala em sessão: *“Quando morrer, será de suicídio, diferente deles que empreenderam apenas tentativas”*. O discurso de Chloé parece carregado de ressentimento e vontade de se distanciar de quem são os seus pais, contudo, à medida que a adolescente busca se diferenciar, ainda é a partir do significante da morte, presente em toda sua infância através das tentativas suicidas de seus pais, que ela coloca essa diferenciação. Deste modo, percebemos que mesmo ao tentar se diferenciar ela acaba recorrendo ao que lhe é familiar a partir do Outro do infantil, à saber, a morte.

Verificamos no caso de Ana, um desejo de compreender o lugar que ela ocupa no afeto de seus pais e, que de acordo com a jovem, voltam a atenção apenas para o seu irmão gêmeo. *Ana confessa que sua intenção é ser internada para saber quem realmente se preocupa com ela*. Jucá e Vorcaro (2018) apresentam em seu artigo *Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica*, uma

sessão na qual relatam algumas observações acerca da posição em que os adolescentes se situam na relação com o Outro e a ocorrência de passagens ao ato e *acting outs*. Para as autoras alguns adolescentes apresentam uma relação marcada por um embaraço diante de duas questões: “O que sou para o Outro?” e “O que o Outro quer de mim?” e apresentam a hipótese que a partir desse embaraço, o adolescente responda com atos.

No que se refere a Isabel, é possível perceber essa disposição à separação quando confessa para sua analista que *leva seu estigma orgulhosa, como símbolo de pertencimento a nova confraria, abandonando o mundo imposto pelos adultos*. Ou seja, a adolescente aponta uma intenção em não mais estar submetida às regras estabelecidas pelas figuras parentais. E ainda que enfatize sua satisfação em pertencer a um grupo, que segundo ela não tenha uma liderança que imponha regras tal como seus pais, existe um comitê que dirá se ela está apta a pertencer ou não ao grupo.

Jucá e Vorcaro (2019) fazem uma interessante alusão a este momento em que o adolescente tenta separar-se das figuras parentais, para as autoras o corpo é tomado como uma mesa de negociações a fim de definir quem detém a posse. E, neste sentido, a autolesão seria um esforço para restabelecer territórios e nessa negociação, marcar a pele é registrar a tomada de posse sobre o seu corpo. Nas palavras das autoras, “Marcar a pele, para de algum modo salvar a própria pele” (p.82).

Ainda sobre as negociações do corpo adolescente, Ana apresenta em suas sessões de terapia uma fala que demonstra sua família numa espécie de negociação da imagem que a menina deve apresentar: *seus pais dizem que ela deve vestir roupas mais femininas e seu irmão diz que as pessoas irão confundi-la com um macho*. E, assim, Ana se corta além de ter condutas anoréxicas para mostrar que outros podem tentar vestir o seu corpo, mas a pele que o cobre, pertence a ela.

São muitos os acontecimentos que atravessam o sujeito adolescente e em meio a um turbilhão de emoções e sensações inéditas, muitas vezes faltam palavras para significar certas experiências. É nesse sentido que Falcão (2021) coloca os atos de autolesão como um apelo diante dos impasses vivenciados na busca de novos modos de se inscrever no campo social mais amplo. Na impossibilidade de colocar em palavras o que acarreta tantas experiências inéditas o corte seria um tipo de grito mudo. Um grito que não deixa de ser uma resposta ao mal-estar experimentado diante

de tantas questões para serem administradas. Que promove mais alívio do que dor e que busca demarcar a passagem de um discurso infantil referenciado nas figuras parentais para o discurso social referido ao Outro social.

Toda criança idealiza de alguma forma seus pais, mas, à medida de seu crescimento, percebe-se que os pais não são referência de perfeição e que também possuem falhas. É a partir destas percepções que o terreno vai se preparando para o processo de separação da adolescência. Alberti (2004) elucida que a separação em questão não é do Outro que habita a alteridade do sujeito, mas dos pais “imaginarizados e idealizados”. Para Demantova (2020) esta é considerada a operação mais complexa de separação, sendo vivida pelo adolescente como uma espécie de morte, sentida como uma real experiência subjetiva de perda. A dificuldade se acentua, uma vez que o objeto que precisa ser abandonado é justamente aquele que fundou o sujeito narcisicamente.

Sendo assim, algo do que é transmitido pelos pais se sedimenta no sujeito e oferece ferramentas para enfrentar tal operação adolescente, mas outra parte já não tem força no nó, permitindo um afrouxamento da identificação primária e impulsionando a busca por outros referenciais.

1.4.2 - IDENTIFICAÇÕES DE EMPRÉSTIMO: UM LUGAR DE PERTENCIMENTO?

Conforme Freud em 1905, nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, essa separação das figuras parentais é um dos mais árduos trabalhos empreendidos durante a puberdade. E nesta busca por referências, o adolescente buscará abrigo no Outro social, contudo Peixoto e Lima (2019) apontam que a adolescência contemporânea está sem pais nem mestres, em consequência de um “esvaziamento do lugar do Outro”, o que impulsiona identificações horizontais e não mais a um mestre. Neste sentido, Kelles e Lima (2017) acrescentam que vivemos o declínio da autoridade e das grandes instituições sociais, com a multiplicação das referências de identificação.

No que se refere à multiplicidade de referências, Dhéret (2015) situa no relato do caso de Chloé um comportamento considerado altamente contemporâneo, conhecido como identificações de empréstimo. Essas identificações são características de uma troca recíproca, permitindo temporariamente o gerenciamento de uma relação difícil com o outro e, em menor medida, com o gozo.

Nos casos analisados, observamos a presença dessas adolescentes em grupos nos quais elas encontraram acolhimento e um senso de pertencimento. *Chloé pertence a um movimento gótico de tendência sadomasoquista e nesta comunidade ela era desafiada a sempre ir mais longe nas feridas que se infligia.* Em outro momento Chloé relata: *Não ter amigos, mas gosta do fato de ser respeitada por sua coragem e sabe que a dor que aflige a si mesma, sob o olhar dos outros, é um gozo que pode obrigá-la a ir até a morte.* Verificamos que neste grupo, importa mais para a Chloé o olhar de admiração (ou surpresa) que ela desperta nos membros do grupo diante de suas lesões, do que as consequências que pode alcançar quando corta a própria pele. Retomando Jucá e Vorcaro (2018), quando lista modos de relacionamento com o Outro e suas implicações, encontramos uma referência a uma oferta de um sacrifício (sangue ou um pedaço da própria carne) ao olhar do outro.

Ana, de modo mais tímido, busca por figuras de identificação na internet, um rapaz e uma moça com quem ela mantém um relacionamento se apresentando como alguém do sexo masculino, sendo a descoberta de sua mentira para seus amigos virtuais o fato que implicou na descoberta de seus cortes por seus pais. Já no caso de Isabel, a adolescente refere *“já não sofrer do vazio causado pelas colegas da escola, desde que encontrou um grupo onde não pode haver diferença entre seus membros, sejam homens ou mulheres, ali são todos iguais”*. Nesse sentido, Amadeo de Freda (2019) faz uma importante elaboração acerca do caso de Isabel: *“Ela nem sabe ao certo quais são as convicções do grupo, mas acredita serem as suas. Isabel não faz parte das adolescentes que se cortam para aliviar a dor, para ela cortar-se é uma experiência consagratória que a une a um novo universo imaginário”* (p.184).

Viola e Vorcaro (2019) reforçam que na operação adolescente, cada um deverá instituir aquilo que funcionará como recurso para a edificação de novas balizas identitárias, ampliação do campo de trocas sociais e ponto de amarração ou ancoragem do seu psiquismo. Para Isabel, é no grupo em que são todos iguais que ela prefere se encaixar, em oposição aos colegas da escola que a despertam um vazio que ela não sabe explicar.

1.4.3 - A ESCRITA COMO OUTRA POSSIBILIDADE DE DEIXAR UMA MARCA

Um outro aspecto que aparece e chama a atenção nos três casos mencionados é a escrita das adolescentes tomando relevo ao longo dos atendimentos

clínicos. A exemplo do caso de Chloé que a pedido de sua analista para que escreva suas impressões a respeito das sessões, vai construindo poemas curtos que narram não apenas suas sessões, mas as elaborações da adolescente sobre seus atos. “Minha dor me faz idêntica a mim mesma, essa sou eu”, assinando como “A sadominadora”. Chloé realiza uma escrita de si, e assina a partir de um reconhecimento de si.

No que se refere a Ana, em um primeiro momento, começa a escrever mensagens de texto para sua analista, e de acordo com esta não atende as chamadas de volta. A *posteriori*, Iammateu (2014) retoma com Ana o conteúdo relacionado a um romance que a jovem estava escrevendo em paralelo, e logo os personagens do romance passam a fazer parte da análise. Ana passa a trazer aspectos da personalidade do protagonista de sua história, o apresenta como alguém “negativo e fechado” e passa a pensar soluções para as adversidades vivenciadas por ele. Iammateu (2014) intervém perguntando-lhe o que pensa que ele faria com as cicatrizes. Então Ana destaca a escrita como uma possibilidade de reescrever sua experiência, descrevendo cada uma das marcas e suscitando o alívio pela superação de cada uma delas.

Acerca do processo de escrita, Lima (2016) faz uma busca sobre a escrita de si na história e encontra na Grécia Antiga uma intenção de registrar o “já-dito”, por se tratar de uma cultura fortemente marcada pela tradição, contudo a autora relata que:

Esses escritos, tal como concebiam os gregos, não funcionavam como simples memorização de conhecimentos preestabelecidos, mas eram um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio. Eles podem ser localizados entre o “já-dito” e “um dito com novo valor”, pois combinam a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirmar e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (p. 14).

Neste sentido, Lima encontra em Foucault (2006) que a escrita pessoal se trata de uma apropriação “corporal”, pois a escrita constitui um corpo para aquele que transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua, a verdade delas. Acreditamos que a escrita do adolescente se fundamenta nas leituras e interpretações que ele gradualmente reconstrói de seu próprio corpo, de seus relacionamentos e de sua trajetória pessoal.

Para Corso e Corso (2008) o corpo marcado e rasgado por lesões mostra cortes e cicatrizes que contam uma história, guardam uma memória. Neste mesmo

sentido, Falcão (2021) destaca que na experiência clínica é comum que as pessoas que se cortam mostram os cortes para o seu analista. Conforme a autora, muitos pacientes têm dificuldades para encontrar palavras que possam oferecer um sentido para os seus cortes, então, muitos apontam para a parte do seu corpo que está machucada e começam a produzir alguma narrativa. “Esse corte eu fiz quando...”, “Isso aqui foi resultado de...”. Os adolescentes tendem a articular um acontecimento externo que provoca um mal-estar e que o corte vai apaziguar.

Lima (2016) propõe que o adolescente enquanto personagem de um romance baseado na própria vida, muda de posição. Nessa abordagem, o adolescente passa a assumir uma posição de transformação, deixando de ser meramente determinado pela história para se tornar um leitor atento dessa determinação. No entanto, vai além disso, ao se tornar o autor desse romance em constante construção. Essa mudança de perspectiva sugere que o adolescente não apenas vivencia os eventos e experiências, mas também os interpreta, atribui significado e cria narrativas pessoais que dão sentido à sua existência.

A autora faz uma interessante articulação entre a elaboração feita por Lacan (1976) de hystorização, referido ao processo de final de análise e o contexto da escrita de si na adolescência e acerca da hystorização na obra lacaniana explica:

No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998) utiliza o termo "história" para se referir ao inconsciente. [...] Lacan considera o inconsciente como "o capítulo de minha história" que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira, um capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada e muitas vezes ela está escrita em outro lugar: no próprio corpo, nas lembranças da infância, na evolução semântica (vocabulário particular, estilo de vida e caráter), nas tradições e lendas que sob forma heroicizada veiculam a própria história e em outros vestígios (p.1).

Nesse sentido, consideramos que o conceito de "Hystorização" pode ser entendido como um processo pelo qual os eventos do passado são reinterpretados e reconstruídos de acordo com as demandas e os significados atuais do sujeito. Nessa perspectiva, a história pessoal de um sujeito não é vista como um relato objetivo e imutável, mas como uma construção subjetiva que está sujeita a revisões e ressignificações ao longo do tempo.

Ao recorrermos ao ensinamento lacaniano apresentado no Seminário "De um discurso que não fosse semblante", na aula de 10 de março de 1971, que aborda o tema da escrita. Segundo Lacan (2009/1971, p. 79), a escrita é uma representação

das palavras, uma vez que a palavra existe antes de sua manifestação escrita, com todas as suas nuances e significados implícitos.

Sob essa perspectiva, Burgarelli (2003) argumenta que a compreensão da escrita transcende sua concepção como um mero processo simbólico de inscrição ou produção de sentido. A escrita pode ser entendida como uma instância de repetição do que foi excluído do domínio do conhecimento, permitindo uma ligação entre o significante e o real, o que se explica devido à dimensão irreduzível da letra, que pode ser entendida, por um lado, como a estrutura localizada do significante e, por outro, como algo que, irrompendo do real, assume o estatuto de borda ao gozo expulso do campo simbólico. (Burgarelli, 2003, p. 111).

Nesse sentido, pensamos acerca das duas ações, cortar-se e escrever-se. Com base nos relatos das adolescentes nos casos clínicos, os atos de cortar a pele funcionam como uma validação de um desconforto vivenciado em determinado momento da vida, e a lesão na própria pele marca uma retomada do próprio corpo, e na escrita de si, como afirma Lima (2016), o sujeito como autor da própria história também marca uma posição pessoal. O adolescente na sua escrita, não apenas descreve suas vivências, mas também os interpreta, atribui significado e cria narrativas que dão sentido à sua existência.

2. DA RELAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES E AS REDES ÀS RELAÇÕES ENTRE ADOLESCENTES NA REDE

Com o intuito de aprofundar a discussão acerca do compartilhamento da autolesão nas redes sociais, consideramos relevante investigar também, a relação que o adolescente contemporâneo estabelece com as tecnologias virtuais, com ênfase para as redes sociais, e suas implicações na dinâmica das interações entre esses e seus pares.

A literatura aponta as redes sociais como uma ferramenta que se tornou uma parte significativa da vida dos adolescentes (Kallas, 2016; Kelles e Lima, 2017; Gomes, Filho e Teixeira, 2021), e portanto, consideramos que compreender as nuances da adolescência contemporânea implica estar atento aos modos de ser, se posicionar e se relacionar na cultura.

Ocorre que todas essas esferas se encontram, na atualidade, atravessadas pelas tecnologias virtuais. A partir disto, cabe parafrasear um trecho já mencionado

acima, para compreender as nuances da adolescência contemporânea implica também estar atento aos modos de ser, se posicionar e se relacionar na cibercultura. De acordo com Rüdiger (2016), o surgimento do termo "cibercultura" é atribuído à engenheira e empresária norte-americana Alice Hilton em 1964, quando ela fundou o *Institute of Cybercultural Research*. A engenheira, pioneira no campo da engenharia computacional, utilizou a expressão "cibercultura" argumentando que a revolução tecnológica em curso demandaria um desafio ético de proporções globais, exigindo a discussão de um novo processo cultural.

Deste modo, conforme o autor (2016) a cibercultura pode ser definida como “a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação” (p.11).

Nessa perspectiva, a cibercultura refere-se ao momento em que as ideias científicas da cibernética e telemática deixam de ser restritas ao domínio do conhecimento especializado. Isso significa que elas deixam de ser exclusivas das grandes corporações e governos, passando a fazer parte do dia a dia das pessoas comuns, graças à transformação dos computadores em dispositivos domésticos e portáteis. Esses dispositivos se tornaram plataformas ou fenômenos que teoricamente permitem uma participação mais democrática.

Conforme Corrêa (2022), o ciberespaço, tal como o conhecemos hoje, emergiu como um mundo paralelo à realidade física, oferecendo aos seus usuários uma sensação de liberdade única. Trata-se de um ambiente virtual no qual as pessoas adentram, estabelecem laços sociais, assumem "novas identidades" e se expressam de maneira mais livre do que o permitido no mundo presencial. Essa esfera virtual possibilita aos sujeitos explorarem diferentes aspectos de si mesmos, experimentando uma série de expressões e interações.

Ao se conectarem ao ciberespaço, as restrições sociais e normativas que moldam as interações presenciais tendem a ser atenuadas, os usuários têm a oportunidade de criar identidades digitais que podem se distanciar ou expandir além de suas identidades offline, proporcionando uma sensação de liberdade e empoderamento (Demantova, 2020).

Ao considerarmos essas características do universo virtual, que ampliam as possibilidades de expressão, interação e invenção, sendo ofertadas para os adolescentes, não há como não indagar a respeito dos impactos dessa ferramenta

nos processos de identificação, neste tempo de separação das figuras parentais e ampliação dos laços sociais.

De acordo com Laurent (2017), a internet tem promovido uma transformação radical na maneira como cada sujeito se conecta com o mundo ao seu redor, possibilitando uma ampla gama de experiências, desde o compartilhamento de informações, a interação em redes sociais até a realização de atividades cotidianas, como compras e acesso a serviços diversos. Essa ampliação do campo de possibilidades e a facilidade de interação podem influenciar a maneira como os sujeitos se percebem e percebem o outro.

Para Kallas (2016), a dinâmica de um espaço intermediário entre a realidade (do outro lado do computador existe uma pessoa real) e a imaginação (pessoa que podemos criar e idealizar uma versão dessa pessoa de acordo com nossos desejos), ocorre devido à natureza das interações online, nas quais a comunicação ocorre através de dispositivos digitais e plataformas virtuais. Através de perfis online, podemos moldar nossa identidade virtual e projetar uma imagem que corresponda aos nossos desejos e idealizações. Da mesma forma, podemos interpretar e atribuir características às pessoas com as quais interagimos, baseadas em informações limitadas e na forma como elas se apresentam na esfera digital.

Corrêa (2022) se apoia nessa noção de virtualidade do ciberespaço para problematizar que este “estatuto de realidade” já não caberia como oposição às experiências nas redes sociais, e acrescenta que já nos tornamos seres virtuais. A quantidade de tempo e a qualidade das interações cotidianas de trabalho, relacionamento humano, consumo, assim como a busca por conhecimento são alguns dos fatores que reforçam a ideia de que o virtual tem muito de realidade. Ou seja, o modo como os vários espaços ocupados no cotidiano das pessoas é atravessado pela lógica digital, reforça a ideia de que as relações de virtualidade hoje em dia são o que há de mais real.

Com relação a estruturação das próximas etapas desta pesquisa. Com o objetivo de compreender as complexidades da adolescência diante das transformações tecnológicas, exploraremos, inicialmente, os aspectos teóricos relacionados a participação dos adolescentes nas redes sociais, abordando três vertentes principais: o saber, a temporalidade e a esfera da intimidade. Num segundo momento, aprofundaremos a discussão sobre as implicações dessa intensa

participação nas redes sociais nos modos como estes buscam estabelecer novos vínculos e laços, a partir das comunidades temáticas, à exemplo da autolesão.

2.1 - Redes Sociais na Adolescência: caminhos de enredamento do Sujeito

No que se refere a definição de Redes Sociais, Marteletto (*apud* Corrêa, 2022) define que as Redes sociais são lugares onde um conjunto de usuários autônomos unindo ideias e recursos em torno de valores compartilhados. Outra definição, apontada por Recuero (*apud* Corrêa, 2022) em que o autor relaciona as redes sociais a dois elementos: Os atores e suas conexões. Os atores seriam as pessoas ou instituições; e as conexões as interações e a formação de laços sociais.

Interessante pensar nesse binômio “atores - conexões” se tratando de conexões virtuais na adolescência pois o termo ‘atores’ sugere dois contextos muito próprios desse meio. ‘Ator’ como aquele que encena personagens que não dizem respeito a quem se é na realidade. E ‘atores’ no sentido de atuar, remetendo aos atos, condutas de risco que são cada vez mais compartilhadas em rede.

Os primeiros estudos sobre as redes foram feitos por um matemático chamado Euler, que desenvolveu a teoria dos grafos em 1736. Nesta teoria, os grafos são um conjunto de nós que se conectam por arestas e formam um tipo de rede. Com base nesta teoria, outro renomado matemático buscou desenvolver o entendimento relacionado a gráficos randômicos ou aleatórios. Em síntese, todos os contatos ou nós de uma rede, têm a mesma possibilidade de formar novas ligações em vista de que as redes possibilitam igualdade de possibilidade a qualquer nó (Barabasi, 2003 *apud* Corrêa, 2022).

Conforme aponta Corrêa (2022) este estudo sobre as redes demonstra como ela acontece, em termos gerais, por meio de laços iniciais que vão oportunizando a formação de novos laços. Para ilustrar sua teoria, o autor dá como exemplo uma festa em que as pessoas inicialmente, não necessariamente se conhecem, mas existem grandes chances de até o final da festa a teia de conexões se multiplicarem e as pessoas saírem da festa conhecendo muitos outros contatos que a priori não existiam.

No que se refere a este enfoque das redes promoverem a formação de novos laços, Lima (*et. al.*, 2012) acrescentam que as comunidades ou grupos virtuais são o resultado de uma nova forma de organização social que surgiu na

contemporaneidade: a sociedade em rede. Essa concepção fundamenta-se na compreensão de que as interações humanas estão cada vez mais mediadas por tecnologias digitais, proporcionando a criação de espaços virtuais de encontro e intercâmbio social.

No entanto, os laços que se formam nas redes possuem características distintas dos que se formam de modo presencial. De acordo com Tavares (2015), uma importante distinção entre comunidades virtuais e presenciais está no fato de que nas comunidades virtuais é possível criar laços com pessoas previamente observadas e escolhidas, diferente das comunidades presenciais que é necessária uma troca, um convívio e só posteriormente se vincular. Em outras palavras, os vínculos nas redes sociais partem de um saber prévio acerca dos espaços específicos, com temáticas específicas e em muitas páginas virtuais se pode ter o acesso e acompanhar a dinâmica dos grupos antes mesmo de solicitar fazer parte destes.

Laurent (2017), ao ser perguntado em uma entrevista se podemos falar em laço social nas redes, no sentido em que o entendemos com Lacan, responde prontamente que sim. Para o autor, à medida que os solitários transportam sua solidão para lá, eventualmente sentem-se menos sozinhos. Trata-se de uma nova forma de organização, entre pares na rede, que categoriza os traços “identificatórios”, sejam eles de qualquer ordem.

Nesse sentido, Laurent (2017) acrescenta: “A internet pode favorecer as novas formas de organização e de difusão de mensagens de convocação. Ela pode dividir em comunidades estanques, públicos cada vez mais isolados em “câmaras de ecos”, onde cada um só ouve sua própria opinião reverberada em uma multidão de outros que pensam da mesma forma” (p.2).

É neste sentido que consideramos as redes sociais como um importante *lócus* de investigação acerca da experiência adolescente e os modos de fazer laço com as redes e nas redes. É importante salientar que as pessoas que não fazem parte destas plataformas virtuais, com frequência são tomadas com estranhamento por aqueles que estão inseridos nesta grande rede de conexões.

Conexão esta que para alguns autores como o sociólogo francês Michael Maffesoli (1996), trata apenas de um sentimento de estar-junto, onde não necessariamente há uma comunicação efetiva, mas este estar-junto, fazendo parte

de algo maior, já seja muito ou talvez, seja tudo. Em outras palavras, estar entre pares já produz efeitos sem precisar existir uma comunicação.

No aprofundamento realizado a partir da literatura sobre o tema, muitos foram os aspectos encontrados com relação à aliança entre adolescência e redes sociais. Contudo, para este capítulo, elegemos 'três códigos de acesso' para as discussões propostas. São as seguintes: O saber, a temporalidade e a intimidade. A escolha por estes pontos se justifica por considerarmos estes aspectos fortes características de enredamento do sujeito adolescente nas redes sociais.

2.1.2 Login: O Saber na rede

A adolescência é um tempo lógico em que o sujeito é convocado a se inserir no universo dos significantes culturais, afastando-se dos significantes paternos que anteriormente lhe serviam de identificação (Kelles e Lima, 2017). O que implicará na necessidade de reorganização dos referenciais identitários, uma vez que as orientações transmitidas pelas figuras parentais deixam de ser compatíveis com as transformações experimentadas a partir da irrupção da puberdade.

De acordo do Kelles e Lima (2017) é também neste tempo que o adolescente se depara com a inexistência da relação sexual e simultaneamente, a inconsistência estrutural do Outro. No que se refere à inexistência da relação sexual, está relacionada à ideia de que não existe uma correspondência exata ou um encaixe perfeito entre os desejos, fantasias e corpos dos parceiros sexuais. Assim, cada sujeito traz consigo suas próprias vivências, história e desejos, que são moldados por sua singularidade e sua relação com o simbólico. Essa diferença entre os sujeitos cria uma falta, um hiato, que impede a plena fusão ou satisfação total na relação sexual.

A mesma lógica se dá com relação às figuras parentais, o Outro, entendido como o conjunto das normas, regras e significados transmitidos pela cultura e pela linguagem, não é uma entidade coesa e consistente (Lacan, 1964 - 1965/2017). Deste modo, o Outro é estruturalmente inconsistente porque não é capaz de fornecer uma resposta plena e satisfatória para todas as questões e demandas do sujeito. Nesse sentido, Kelles e Lima (2017) destacam que assim o adolescente descobre que seus pais não são os heróis da infância, que tudo podiam resolver, mas sujeitos faltosos como ele.

De acordo com Kelles e Lima (2017), quando Lacan em sua obra evidencia a inconsistência do Outro, refere-se não apenas ao Outro familiar, mas também ao Outro social, que se trata do conjunto de normas, valores, regras e expectativas transmitidas pela cultura e pela sociedade em que o sujeito está inserido. Como demonstrou Freud (1905/1996), para que o sujeito possa romper os limites do espaço familiar e se conectar com o mundo externo, é fundamental contar com o apoio de um Outro substituto do pai. Esse suporte é essencial para que o sujeito possa se desvencilhar dos vínculos estreitos de sua casa e estabelecer uma ancoragem com o mundo.

Nesse sentido, Peixoto Lima (2009) aponta, acerca da adolescência contemporânea, um “esvaziamento do lugar do Outro” (p. 119). Ou seja, a ausência de figuras parentais e de mestres que possam funcionar como referência durante um período de tantas transformações. Diante disto, o autor enfatiza uma maior tendência a identificações horizontais, isto é, os adolescentes buscam novas referências a partir de seus pares e não mais com figuras de liderança. Sob essa perspectiva, Kelles e Lima (2017) destacam que no lugar de uma referência que balize o sujeito, teremos referências múltiplas, e sobre isto, a internet tem sido a ferramenta eleita pelos adolescentes para acessar um saber, contornando a necessidade da mediação do Outro.

Viola (2016, p. 236) argumenta que quando o sujeito se depara com a inconsistência do Outro, surge a “presentificação de um vazio”. A partir disto, a adolescência apresenta um fenômeno singular em relação ao saber. A tese defendida por Viola (2016) pode ser resumida da seguinte maneira:

A relação do sujeito com o saber se transforma, necessariamente, quando essa falha se coloca, cristaliza-se, no momento-limite da puberdade. O conceito [...] pode ser compreendido, assim, como um saber-fazer inédito que só se disponibiliza ao sujeito a partir da adolescência. [...] Ou seja, o que vai desabrochar na adolescência deriva desse ponto oscilante, um ponto de enigma em torno do qual gira a pulsão de saber e que tem valor determinante na causação do sujeito, em sua posição subjetiva (Viola, 2016, p. 237).

Lacan (1970/2003, p. 432) de forma muito atual destaca que vivemos em uma época na qual há uma oferta excessiva de saber, “a ponto de não se saber o que fazer com ele, enchendo os armários. Daí, alguns (desses saberes) nos agarram ao passarmos. Tal reflexão nos remete a dois eventos que acontecem com certa frequência na atualidade.

O primeiro deles diz respeito a quantidade de prints (capturas de tela) que fazemos ao encontrar um assunto interessante para leitura posterior. Uma vez guardado em pastas e arquivos virtuais de forma segura, não são mais revisitados pela ilusão de apropriação do conhecimento.

A outra se refere a multiplicação de conteúdos que surgem como publicidade nas redes a partir do momento que se lê uma vez sobre o assunto de modo que somos capturados de modo a sermos transformados em sujeito de um discurso podendo deixar-nos sujeitos a um saber. As duas situações colocam em questão a concretude do saber.

Viola (2016), salienta que o acesso ao conhecimento é buscado nos meios virtuais de maneira desregulada, em um espaço no qual não há limites. Essa overdose de informações altera a relação do adolescente com o saber, uma vez que os carimbos simbólicos que poderiam auxiliar o sujeito a lidar com o não-saber sobre o sexo – encontro traumático para todos, como nos diz Lacan (1974/2003) – estão cada vez mais fluidos, esparsos.

Desse modo, “os adolescentes hipermodernos estão à deriva num oceano virtual de informação e conhecimento, o que não garante a transmissão do saber” (Viola, 2016, p. 108). Na mesma perspectiva, Peixoto Lima (2009, p. 118) pondera que o adolescente navega, é um “flâneur virtual”⁵, mas não marca seu lugar.

Conforme Kelles e Lima (2017), frente aos objetos de satisfação instantânea, ofertados pela cultura, o desinteresse dos sujeitos pela aprendizagem escolar, ou por qualquer outra atividade que freie ou postergue o gozo, torna-se frequente. Em outras palavras, a cultura atual nos oferece uma infinidade de estímulos prazerosos e facilmente acessíveis, como jogos eletrônicos, redes sociais, vídeos online e entretenimento digital. Esses objetos de satisfação são projetados para atrair nossa atenção e fornecer gratificação rápida, sem exigir um investimento de tempo ou esforço significativos.

Neste sentido, o cálculo empreendido no modo que se está nas redes é o máximo de conhecimento com o mínimo de investimento de tempo.

2.1.3. Login: Sedução do tempo

⁵ “*Flâneur*” é um termo em francês que se refere a uma pessoa que passeia ou caminha sem rumo (deambular) pelas ruas sem rumo. Disponível em: <https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/Fl%C3%A2neur>.

O advento e a ampla disseminação da internet, incluindo seu acesso por crianças e adolescentes, não apenas trouxeram mudanças significativas, mas também promoveram o que Oliveira (2017) denominou de "Sedução de um novo conceito de tempo". Esse fenômeno implica na redução das distâncias espaço-temporais e no aumento das possibilidades de repetição, correção, conexões variadas e diversificação de trajetórias, resultando na relativização da temporalidade rígida.

A partir dessa relativização do tempo, observam-se transformações consideráveis nos modos de aquisição de informação e formação, nos padrões de interação e, principalmente, nas formas de expressão na vasta rede de conexões que constitui a internet.

Segundo Kallas (2016), a experiência virtual apresenta um caráter quase mágico, no sentido de ter um pensamento, desejo ou curiosidade e simplesmente dar um clique e ver aquilo transformado em realidade. A possibilidade de instantaneamente acessar qualquer coisa e obter gratificações para impulsos sexuais, jogos, curiosidades intelectuais de comunicação ou consumo torna a internet irresistível. Pensamos que os grupos que se formam a partir de comunidades temáticas também são inebriados pela sedução do tempo nas redes. Pois a partir de alguns *clicks* encontram-se essas comunidades, e não se identificando, é possível já sair e buscar por outra e participar no minuto seguinte.

Paradoxalmente, a mesma rede que possibilita as satisfações serem realizadas a velocidade de um clique, tem sido a mesma que prende os sujeitos às telas por horas ou dias sem a percepção de passagem do tempo. Kallas (2016) aponta não haver fronteiras em seu conteúdo quando comparada com outras modalidades de mídia como jornais, livros, revistas e TV, que são sempre marcados no tempo com início e fim claros. Na internet jamais terminamos alguma coisa, sempre existe outro *link*, outro *site*, outra imagem a ser vista, outra música a ser baixada. Trata-se atualmente do maior repositório de informações jamais visto na civilização humana.

Gomes, Filho e Teixeira (2021) retomam a metáfora freudiana do túnel para descrever a puberdade como um período de transição no qual o sujeito se encontra em um estado não totalmente pertencente à infância nem à vida adulta. Essa metáfora

sugere que a adolescência é um momento de atravessar um espaço incerto, onde o sujeito se encontra em uma espécie de zona de transição. Para os autores, se considerarmos a adolescência como um evento lógico que implica chegar ao outro lado do túnel, podemos metaforizar a internet como um túnel sem fim, que funciona como uma armadilha para o gozo do olhar, dificultando o processo de atravessamento.

Nessa perspectiva, a rede virtual pode ser vista como um espaço em que o sujeito se enreda, perdendo-se em uma imensidão de estímulos visuais e prazeres superficiais, impedindo-o de prosseguir em sua jornada. A metáfora do túnel sem fim nos convida a refletir sobre os desafios que a tecnologia apresenta para os adolescentes, destacando o lugar de olho, sem corpo que a tela ocupa e retendo o adolescente num eterno instante.

Lima (2016) questiona se o adolescente estaria evitando o encontro com o outro sexo no bombardeio de imagens das telas dos dispositivos tecnológicos, se essas telas funcionariam como um interdito ao encontro dos corpos, evitando o confronto com a inexistência da relação sexual.

Para a psicanalista, o fascínio pela tecnologia virtual e a pluralidade de imagens incidem sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade, o que se reflete, por exemplo, na busca pelo prazer instantâneo e na desmotivação em relação às atividades que exigem algum esforço ou adiamento do prazer. Ao refletirmos sobre a adolescência e sua demanda de ter que fazer escolhas, em consonância com o esvaziamento do lugar do Outro, percebemos que a ampla oferta das redes sociais dificulta a construção de uma identidade estável e coesa.

A presença do Outro, entendida como uma figura que simboliza a ordem social e o conjunto de normas que regulam as relações interpessoais, desempenha um papel fundamental na construção da identidade e na formação dos laços sociais. Embora as interações nas redes sociais possam oferecer uma sensação de reconhecimento e aprovação, não podemos ignorar os efeitos e limitações dessa substituição.

Embora não se trate de uma certeza ou de uma solução definitiva para o enigma do ser e do desejo na adolescência, Gomes, Filho e Teixeira (2021) enfatizam que a presença do Outro encarnado, como representante da lei simbólica que regula os laços sociais, está sempre implicada nessa equação constitutiva. Essa dimensão

temporal tensionada pela presença do Outro não pode ser simplesmente substituída por curtidas, likes e visualizações sem consequências.

2.1.4 Login: Intimidade

Com o acesso às redes sociais, o conceito de intimidade, espaço público e privado passou por transformações significativas. Tradicionalmente, a intimidade era associada a um espaço privado, reservado para relações pessoais próximas e confidenciais. Conforme Kallas (2016), anteriormente, estávamos protegidos pelas paredes do nosso quarto, onde podíamos ler, escrever em nossos diários e trancá-los em um espaço resguardado dos olhos alheios, como uma preciosidade que pertencia exclusivamente a nós mesmos.

A autora afirma que a intimidade tem se deixado infiltrar pelas redes, e enfatiza que “Hoje os diários são escritos em blogs, expomos nossa intimidade no facebook, exibimos imagens das situações mais banais no Instagram, montamos um espetáculo de nós mesmos e buscamos o olhar do outro e sua aprovação por meio de curtidas” (p.55).

Seguindo o mesmo raciocínio Sibilia (2016) destaca:

Se na modernidade, o homem interiorizou-se buscando apreender e resguardar entre quatro paredes a sua intimidade, registrando-a em diários, hoje percebemos um gesto distinto: o homem se exhibe euforicamente nas redes sociais digitais, compartilhando seus momentos mais íntimos com centenas ou milhares de pessoas, muitas delas completos desconhecidos. (Sibilia, 2016 *apud* Gomes, Pedrosa e Teixeira, 2021, p.93).

Consideramos pertinente a alusão feita por Laurent (2017) quando trata da tecnologia ocupando na vida dos sujeitos contemporâneos uma dimensão de novo órgão. Nesse sentido, Kallas (2016) problematiza a incorporação dos celulares em nossas mãos e em nosso cotidiano. A autora enfatiza que surge uma necessidade crescente de nos mantermos conectados e engajados, buscando constantemente visibilidade e presença online.

Um exemplo impactante de como o íntimo e o privado estão se tornando viralizados é o processo de luto. Antes, o luto era vivido e compartilhado em âmbitos restritos, dentro do círculo familiar e próximo de amigos íntimos. No entanto, com o avanço das redes sociais e a busca por conexões virtuais, testemunhamos uma transformação nesse aspecto tão sensível da vida humana.

De acordo com Kallas (2016) gradualmente, o véu que antes ocultava a dor da perda e o processo de luto vem sendo retirado, dando lugar a uma realidade em que tais experiências são abertamente discutidas, compartilhadas e até mesmo expostas em fotografias e memórias online. É notável como o sofrimento também encontra espaço para ser "curtido" virtualmente, desafiando antigas barreiras de silêncio e isolamento.

A partir desta perspectiva, localizamos a emergência do compartilhamento da autolesão e de outros sofrimentos psíquicos no espaço virtual, encontrando um público que interage e expressa sua aprovação por meio de curtidas e outras formas de interação. No entanto, esta discussão será aprofundada em um momento posterior desta pesquisa.

Essa nova dinâmica social traz consigo uma série de reflexões sobre a natureza da intimidade, a necessidade de conexão e o papel das redes digitais na expressão e enfrentamento do sofrimento psíquico. O que antes era privado e pessoal agora encontra um lugar nas plataformas digitais, evidenciando a maneira como as pessoas buscam apoio e validação em suas jornadas de perdas e transformações.

Para os adolescentes, as redes sociais se tornaram um meio de compartilhar suas vivências e encontrar apoio entre pares que podem acolher e validar seus afetos mais íntimos. A crescente interação nas redes sociais evidencia a necessidade de uma análise crítica sobre o papel dessas plataformas na vida dos adolescentes, levando em conta o período de transformações significativas no psiquismo e as implicações nas formas de fazer novas conexões e laços no ambiente virtual.

Lacan na conferência de Milão em 1972 situa o contemporâneo como um tempo de desvelamento de confidências e declínio da vergonha. Essa perspectiva ganha relevância quando observamos como os adolescentes se expressam nas redes sociais, um ambiente que se destaca como um campo especial para esse desvelamento, como apontado por Gomes, Filho e Teixeira (2021). Nesse cenário, os adolescentes encontram um espaço propício para compartilhar suas experiências, pensamentos e afetos de forma aberta e sem as inibições tradicionais associadas à vergonha.

Não se trata de atribuir às tecnologias o papel de vilãs nas relações sociais; no entanto, acreditamos que passar pela infância e adolescência imerso nelas implica em um preço elevado no que diz respeito à cultura. Acerca disto, o filósofo Sul-coreano Han (2013) destaca que a intensificação do uso da internet e das redes

sociais tem repercussões que reconfiguram as noções de visibilidade, as vicissitudes da intimidade, do público e do privado.

Para Perissé (2013) Somos convidados a expressar o que gostamos, do que vemos ou visualizamos, utilizando a função de curtir. A ação de curtir é um impulso de aprovação, elogio e admiração. Nossos amigos que nos seguem e interagem conosco também manifestarão sua apreciação curtindo nossos textos ou imagens.

Segundo Gomes, Filho e Teixeira (2021) Redes como o Instagram e o facebook constituem veículos que incitam os sujeitos a uma posição subjetiva particular frente ao Outro. As disputas por visualizações ou likes passam a reger os laços que se organizam preponderantemente em torno da imagem, da exibição e da solicitação do olhar.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LAÇOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS

Pensar os modos como os adolescentes fazem laço nas redes sociais implica considerar os aspectos do saber, do tempo e da intimidade no espaço virtual. O avanço das redes sociais e das tecnologias de comunicação tem proporcionado novas formas de conexão, ampliando as possibilidades de relacionamento, mas também levantando questionamentos sobre a natureza e a profundidade dessas relações. Dal Bello e Rocha (2012) afirmam que as redes virtuais são concebidas pelos usuários como plataformas ou comunidades de relacionamento em que é possível encontrar e comunicar-se com o outro (qualificado como amigo, seguidor, contato ou fã), por meio de perfis representativos de quem são. Diante disso, indagamos se a seleção cuidadosa dos adjetivos utilizados pelas plataformas digitais, como "amigos", "seguidores" e "fãs", poderia ter sido uma decisão estratégica das plataformas com o objetivo de promover a ideia de conexão e estreitamento de laços entre os usuários.

Essa concepção de "amigos" nas redes sociais, por exemplo, difere significativamente da noção tradicional de amizade, que geralmente está associada a um vínculo mais íntimo e pessoal. Nas redes sociais, o termo "amigos" é usado de forma ampla para descrever uma conexão virtual entre os usuários.

Nessa mesma perspectiva, podemos pensar que a utilização dos termos "seguidores" e "fãs" também evoca a ideia de apoio, admiração e lealdade. Podendo

estimular um senso de pertencimento e identificação com os perfis seguidos. Compreender essas diferentes perspectivas nos permite refletir sobre a complexidade e as variadas formas de vivenciar a amizade na contemporaneidade.

Para Corrêa (2022) a rede social virtual ajuda a solidificar laços que poderiam se perder de outro modo, mas também é muito utilizada para conhecer pessoas novas de diferentes lugares, que da mesma forma não seria possível alcançar uma aproximação facilmente em outro contexto. O autor ainda acrescenta que a internet facilitou o aumento dos chamados 'laços fracos', pois a nova tecnologia permite sustentar ligações com as pessoas de uma maneira mais superficial, sem precisar necessariamente aprofundar os vínculos.

Neste sentido, Soares e Stengel (2019) se propuseram a investigar as relações de amizade a partir da lógica virtual que permeia as relações adolescentes na contemporaneidade. Para os autores, atualmente coexistem dois discursos distintos em relação à amizade, cada um com sua perspectiva e abordagem. O primeiro discurso é baseado na ideia de amizades verdadeiras, sustentadas na veracidade e que são vistas como perfeitas e eternas. Essa visão enaltece a continuidade, a estabilidade e a durabilidade das relações de amizade, destacando a importância da fidelidade e do compromisso ao longo do tempo.

Por outro lado, o segundo discurso enfatiza a novidade e a virtualidade nas amizades. Aqui, as amizades são percebidas como algo mais fluido, sujeitas a mudanças e renovações constantes. Nessa perspectiva, valoriza-se a abertura para novas experiências, a diversidade de conexões e a possibilidade de conexões instantâneas proporcionadas pelos espaços virtuais. Esses discursos divergentes sobre a amizade são claramente evidenciados pela forma como o modo, o espaço e o tempo dos vínculos são encarados em cada modalidade relacional. Enquanto o discurso das amizades verdadeiras enfatiza a importância do contato físico, da presença e do tempo compartilhado, o discurso das amizades novas valoriza a comunicação virtual, a interação à distância e a capacidade de estabelecer vínculos rápidos e efêmeros.

Dunker (2019) cita Lacan (1957-1958/ 1996) ao problematizar a frase "nosso maior desejo é o de ser desejado pelo outro", para pensar o que o sujeito busca nas relações virtuais. Para o psicanalista (2019) no Facebook e até no Instagram, os comentários acabam por alimentar a demanda do sujeito, ou seja, bem ou mal, encontra-se ali um espaço possível (e de respostas instantâneas) para dividir suas

questões mais subjetivas e singulares. Nesse *lócus*, as comunidades virtuais constituem ambientes de conexão que propiciam novas formas de relações sociais, sejam elas estabelecidas em caráter ocasional ou duradouro, em que grandezas como espaço geográfico ou tempo não entram como fatores limitadores.

Contudo, o adolescente se move em busca de representatividade e pertencimento frente a um outro ser ou grupo. Assim, utilizando das ferramentas que a rede social dispõe, este irá buscar um encontro com seus iguais, criando e participando de “bolhas sociais” a partir de uma estetização de seu self como forma de ser aceito por um grupo com o qual se identificou. (Cordeiro *et. al*, 2022)

Para Lima (2009), os processos discursivos da internet revelam uma comunicação fluida, nesse contexto, é interessante notar que os usuários desfrutam dessa vivacidade proporcionada pela interação online, ao mesmo tempo em que mantêm um certo grau de proteção em relação à exposição inicial. Eles têm a possibilidade de ocultar sua identidade real, como nome, idade e local de residência, e só revelam essas informações quando movidos por interesses mais específicos.

No que diz respeito ao fenômeno de ocultar a identidade real nas amizades estabelecidas nas redes sociais, Amante (2014), em seu estudo sobre a plataforma de rede social Facebook, destaca que essa plataforma, assim como outras redes sociais, tem se tornado um espaço alternativo para a formação de novas amizades e a manutenção das já existentes, influenciando estilos de vida, relações sociais e até mesmo a construção da identidade. Segundo a autora, os comentários feitos em publicações compartilhadas nas redes sociais têm um impacto na autopercepção dos indivíduos, seja de maneira positiva ou negativa. Consequentemente, ocorre uma co-construção da identidade nessas plataformas, em que a interação com os pares desempenha um papel de relevância significativa.

Conforme Lima (2019) essa flexibilidade proporcionada pelo ambiente virtual permite aos usuários explorarem diferentes aspectos de si mesmos, experimentar novas identidades e se conectar com pessoas que compartilham de interesses semelhantes. Ainda que a internet represente, por excelência, o campo do imaterial, para muitos usuários, a socialização ou o sexo virtual têm o mesmo valor das relações concretas e, como tal, são reais, ainda que virtuais. A diferença consiste em que os relacionamentos possam se efetivar ou não, abandonando o recinto da realidade virtual e tomando corpo na vida concreta, o que dependerá de todos os interesses em jogo, além das barreiras tradicionais de tempo e espaço.

Assim, dois usuários poderão, por exemplo, teclar e se relacionar a partir de pontos geográficos absolutamente distantes: conhecer-se, saber das preferências um do outro, vislumbrar cenas domésticas a partir de suas *webs cam* etc. A dificuldade poderá se apresentar quando decidirem encontrar-se pessoalmente, o que incluirá os demais sentidos, como o olfato, o toque, a temperatura etc., além dos efeitos da proximidade física sobre as reações e o comportamento geral, a serem percebidas presencialmente. Para isso, esses usuários dependerão de uma série de outros fatores situacionais em suas vidas.

3. Compartilhamento da Autolesão nas Redes Sociais: Aspectos Relevantes e Implicações

Para este capítulo, é fundamental aprofundar nossa compreensão do termo "compartilhamento", levando em consideração sua frequente presença nas diversas redes sociais. O verbo "compartilhar" é definido no Dicionário Aurélio (2010) como "fazer parte de algo juntamente com alguém; dividir". Em um contexto mais técnico, o mesmo dicionário apresenta o termo no âmbito da informática, onde significa "usar em rede uma mesma informação, arquivos, dados com outro computador ou usuário".

Observamos que, na primeira definição, há uma conotação mais interpessoal, indicando uma conexão entre os sujeitos, enquanto na segunda definição o compartilhamento parece estar relacionado ao acesso comum a determinada informação, sem a mesma carga de vínculo. Essa definição destaca a ideia de disponibilizar dados ou recursos de forma compartilhada, permitindo que múltiplos usuários possam ter acesso à mesma informação ou utilizar os mesmos recursos.

O compartilhamento que interessa investigar nesta pesquisa é aquele que circula nas redes sociais publicizado por adolescentes que realizam autolesões e que cobrem a pele com vestimentas e adereços em espaços presenciais, encontrando no universo virtual um terreno fértil para se expressarem e encontrarem comunidades que compartilham das mesmas práticas. Mas será que o compartilhamento da autolesão nas redes sociais aponta para um compartilhar no sentido de "dividir um fardo" tornando-o mais leve? Ou será um grande arquivo de imagens e textos, entre tantos que já existem na internet?

É interessante pensar alguns significantes que estão ligados ao compartilhamento nas redes sociais, a exemplo de "publicar", os adolescentes são

convocados a realizar publicações de seus cortes, e os afetos que envolvem as lesões. Dito de outra forma, tornar público pela via da imagem e da palavra. Os mesmos adolescentes que se lesionam solitariamente na penumbra de seus quartos, logo tornarão públicos seus corpos sangrando sem nem precisar abrir as portas de seus quartos.

No que se refere a prática da autolesão, destacamos o paradoxo entre esconder e mostrar, ou seja, o tema da autolesão é pouco compartilhado nos espaços presenciais, apresentam todo um ritual de esconderijo e em paralelo, apresentam grande exposição dos cortes, fóruns de discussão e até mesmo a criação de grupos em torno da temática.

Millet (2014) em seu artigo, *em direção a adolescência*, adverte sobre a importância de nos atermos a uma socialização sintomática. Ou seja, no processo de remanejamento das figuras de identidade, o adolescente pode vir a conferir a estas comunidades virtuais, seu lugar de pertencimento pela via da identificação, comum a todos, ao significante corte.

Acerca destes modos de se relacionar virtualmente, Lima (*et. al.*,2012) sugere que as comunidades ou grupos virtuais evidenciam uma nova forma de organização social: a sociedade em rede. Entendemos assim, que à medida que a virtualidade serve aos processos de socialização ela também transforma os processos de socialização. É neste sentido que Kallas (2016) pontua que o mundo virtual funciona como uma janela para evidenciar as mudanças do *modus vivendi* contemporâneo, propiciado pelas novas tecnologias digitais e pela internet.

Para melhor compreender as nuances em torno do compartilhamento da autolesão, apoiamo-nos nas produções científicas sustentadas pela psicanálise freud-laciana para investigar a articulação entre essas três categorias: Adolescência, autolesão e redes sociais. A busca, por pesquisas já realizadas, constituiu uma importante ferramenta de acesso ao que as produções científicas têm apontado acerca não apenas da autolesão, mas da forma como este fenômeno têm sido expostos nas redes, por adolescentes e o que se apreende destas interações entre pares nas publicações sobre o tema.

Como metodologia, realizamos uma investigação, através de um levantamento bibliográfico nas principais bases de dados como o portal de periódicos CAPES; SCIELO e Google Acadêmico. A partir dessa triagem, foram selecionadas sete produções que apresentavam uma articulação mais dialógica entre as categorias

supracitadas. Por meio de uma leitura analítica orientada pela perspectiva psicanalítica, destacaram-se aspectos relevantes que têm sido problematizados nas pesquisas sobre essa temática. Essas contribuições permitem avançar na compreensão do tema em questão, oferecendo reflexões importantes para o campo de estudo.

3.1 - APRESENTAÇÃO DA LITERATURA SELECIONADA:

Tabela 1

Título do Estudo	Autores	Ano de Publicação
O discurso sobre a autolesão feminina no Tumblr	Otto e Santos	2015
Cortes que Salvam: um olhar psicanalítico sobre o cutting em redes sociais online	Melo e Nicolau	2016
Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade	Fortes e Macedo	2017
Automutilação na adolescência e o espaço virtual	Barbosa e Melo	2018
Mensagem sobre escarificação na internet: um estudo psicanalítico	Ferreira e Costa	2018
Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação	Bernal	2019
Entre o corpo, o virtual e o psíquico: um estudo dos grupos virtuais e suas implicações na automutilação à luz da psicanálise	Corrêa	2022

Fonte (a autora, 2023)

Com o objetivo de investigar o compartilhamento da autolesão em plataformas de redes sociais, utilizando como base a literatura científica dos últimos 10 anos, apresentamos uma revisão de sete estudos teóricos selecionados por sua articulação das categorias adolescência, autolesão e redes sociais, embasados na abordagem psicanalítica Freud-lacanianana.

Para discussão acerca do tema em questão foram analisados os seguintes textos: '(Re) cortes: o discurso sobre a autolesão feminina no *tumblr*' (Otto e Santos, 2015); 'Cortes que Salvam: um olhar psicanalítico sobre o *cutting* em redes sociais online' (Melo e Nicolau, 2016); 'Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade' (Fortes e Macedo, 2017); Automutilação na adolescência e o espaço virtual (Barbosa e Melo, 2018); Mensagem sobre escarificação na internet: um estudo psicanalítico (Ferreira e Costa, 2018); 'Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação' (Bernal, 2019) e 'Entre o corpo, o virtual e o psíquico: um

estudo dos grupos virtuais e suas implicações na automutilação à luz da psicanálise' (Corrêa, 2022).

No artigo "**(Re) cortes: O discurso sobre a autolesão feminina no tumbler**" os autores **Otto e Santos (2015)** se utilizaram da plataforma virtual *Tumbler*, com o objetivo de investigar o discurso sobre autolesão postado por adolescentes do sexo feminino.

A escolha por esta plataforma, se justificou por se tratar de uma plataforma *blogging*, ou seja, ferramenta que muitos adolescentes utilizam como diário virtual. Entre os conteúdos compartilhados, os usuários podem publicar textos, vídeos, imagens, áudios e diálogos. E simultaneamente podem "seguir" outros usuários e ver suas postagens. Outro aspecto, segundo as autoras, é que é possível 'gostar' da postagem de outro usuário e logo "reblogar" (Otto e Santos, 2015, p.29). A expressão 'reblogar' é explicada como o 'compartilhar' do facebook.

Este tipo de compartilhamento está no sentido de "tomar de empréstimo" alguma imagem, texto, reflexão de outro usuário e (re) postar na própria página pessoal. O material selecionado na plataforma para compor o corpus da pesquisa foram quatro publicações que continham imagens e textos simultaneamente, algumas destas os textos escritos por cima da imagem, letra e corte ocupando a mesma pele e o mesmo espaço de se expressar e visibilizar. No que se refere a visibilidade, vale ressaltar que nenhuma das postagens apresentam rosto, e os usuários não precisam identificar seus nomes reais. O foco é para o corpo, o corte e o texto.

Para melhor compreensão dos resultados da pesquisa, as autoras agruparam algumas categorias que retratavam aspectos discursivos que se repetiam nas postagens que foram analisadas. (Cortes x cura; Autolesão como quem não abandona; A autolesão: novas marcas, dores e cortes). Entre os aspectos destacados pelos autores, apontou-se a marca como companheira, uma vez que as pessoas julgam e decepcionam ao passo que as marcas estarão sempre lá, atenuando a angústia.

E por fim, a pesquisa concluiu que o Tumblr funciona como influência para a autolesão e concluem tratar-se de uma plataforma que possui um vasto acervo acessível para escritas acerca da autolesão. Reforçam que a partir da análise das narrativas compartilhadas foi possível identificar que o ato antes de ser uma tentativa contra a vida, aparece como uma forma de demanda a um Outro.

De modo distinto ao estudo anterior, encontramos no artigo **“Cortes que salvam”**: um olhar psicanalítico sobre o cutting em redes sociais online (Melo e Nicolau, 2016) com o objetivo de investigar as modalidades de satisfação pulsional presentes nas publicações virtuais. Para esta investigação, as autoras tomaram como campo de busca a plataforma do facebook, com ênfase para um grupo nomeado por “Família automutilação”. A escolha do grupo na plataforma do facebook baseou-se, em três questões principais: 1. A entrada nesta rede online ser autorizada pelo líder do grupo; 2. O número frequente de publicações e acessos pelos usuários; 3. A presença constante de publicações com imagens.

A plataforma do facebook permite conversar com amigos, compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. As autoras destacam que nesta formação de laço social e interação online, os usuários são convidados a publicar seus depoimentos, disponibilizar relatos e exibir sua intimidade. No que se refere aos grupos virtuais do facebook, estes se subdividem em duas modalidades: “públicos” e “fechados”. No tocante ao grupo “público” qualquer usuário pode visualizar o que os demais membros publicaram, bem como as histórias e informações sobre o mesmo. Já nos grupos “fechados”, as publicações são restritas, apenas, para os membros atuais, sendo, a participação de um novo usuário dependente da autorização do líder do grupo.

Entre os aspectos encontrados, a partir da participação no referido grupo, as autoras apontam dois aspectos a serem problematizados. *A priori*, a identificação grupal como formadora de laço social entre os jovens dessa comunidade indicando que os jovens encontram na participação nesse grupo um senso de pertencimento. Um outro ponto que vão apresentar como “um prazer que convida ao gozo coletivo exibicionista-voyeurista” (p.8) e este seria uma das explicações possíveis, para a massificação do fenômeno no cenário juvenil. Para as autoras, o caráter da busca por visibilidade e reconhecimento, através das curtidas e mensagens de apoio, estaria presente nessas exposições.

No texto Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade, Fortes e Macedo (2017) constroem um artigo de reflexão teórica no qual buscaram desenvolver, a partir da análise de algumas narrativas de blogs adolescentes acerca da autolesão, aspectos relacionados à relação entre o sujeito e o outro. Para isto, as autoras realizaram a leitura e alguns recortes de testemunho

de adolescentes sobre autolesão no blog "*Mon combat au quotidien: l'automutilation*" (2012), que significa "Minha batalha diária: a automutilação".

Entre os resultados encontrados, elas apresentam alguns pontos para reflexão. O fato de que várias jovens, em seus testemunhos virtuais, apontarem a ausência de um destinatário para a sua dor, ou seja, verifica-se a ausência de um interlocutor com quem desabafar. Dado que nos dá algumas pistas no sentido de pensar o compartilhamento das reflexões em torno da experiência do corte não apenas como expressão, mas como endereçamento de um mal estar, por muitos, não compreendido.

Mal estar esse que de acordo com as autoras não teria relação com a dor de se cortar. Fortes e Macedo (2017) destacam que "Os adolescentes não demonstram de forma manifesta inquietação ou angústia com o fato de se automutilar, sendo o alarme acionado quando um adulto descobre e se preocupa com o fato" (p. 2). Os autores apontam o ato de compartilhar como uma busca por um destinatário de um mal-estar que em outros espaços não fosse acolhido. Cabe pensar que embora o corte seja o ponto de encontro comum entre os pares, o compartilhamento possui uma dimensão mais ampla, a exemplo das mágoas, dos medos e da angústia.

Encontramos ainda na produção de Barbosa e Melo (2018) intitulada, **Autolesão na adolescência e o espaço virtual**, o interesse em analisar a autolesão na adolescência a partir de duas redes virtuais: Facebook e Youtube. As autoras levantam uma questão que, por vezes, tem sido bastante problematizada na ciência, na mídia e nas políticas públicas: a saber, se o aumento de atos autolesivos nos adolescentes refere-se às redes sociais, onde a obtenção das informações sobre esse comportamento é mais acessível. Contudo, concluíram que embora a internet possa representar riscos no fornecimento de técnicas e métodos potencialmente letais para as práticas autolesivas, a maior parte do conteúdo é projetada para dar suporte social, informar, compartilhar histórias e apoiar os adolescentes.

Ferreira e Costa (2018) desenvolveram um estudo intitulado **Mensagens sobre escarificações na internet: um estudo psicanalítico**. Os autores objetivaram analisar alguns depoimentos postados na internet, por adolescentes do sexo feminino, na busca por elementos que permitisse uma compreensão psicanalítica sobre o ato da escarificação. A partir da seleção de quarenta e uma postagens que foram divididas em categorias de análise, a partir do referencial psicanalítico.

As categorias temáticas que os autores construíram a partir da análise dos depoimentos selecionados foram: 1. Dor e Angústia (conteúdo presente na maioria dos depoimentos analisados); 2. Alteridade e solidão (aspectos relacionados às relações familiares e entre pares); 3. Escondido? (categoria que aponta para o caráter dicotômico que os depoimentos traziam acerca do ato de cortar-se ser às escondidas, mas que motivava uma produção textual em torno no ritual do corte); 4. Repetição e alívio (esse eixo temático versa sobre a intensidade e frequência dos cortes); 5. Destino das postagens (neste eixo os autores sugerem que a importância das postagens seria o dar-se a ver em algum momento algo que foi feito às escondidas).

Com relação a esse aspecto das postagens, os autores reforçam a nitidez que alguns depoimentos apresentam no sentido de que os textos foram escritos para serem lidos, não se tratando apenas de uma descarga, mas de que chegasse aos destinatários, a exemplo do seguinte trecho, “espero que os que se cortam aqui tenham a sorte de não cair nesse buraco sem saída que eu estou e se caírem que tenham gente (o que eu não tenho) para tirarem vocês”, ou ainda “à todos que compartilharam sua história aqui, vocês deveriam sentir orgulho de si mesmos, por terem coragem de abrir se e falar sobre seus problemas.

É essencial saber, que em meio a todo o sofrimento, você não está sozinho. 6. Tentativas e saídas possíveis (neste eixo, os autores apontam que alguns testemunhos destacam a busca da internet como um meio de ajuda. Não apenas para deixar de cortar-se, mas para melhor compreender o que se passa com o adolescente que muitas vezes nem sabe o nome do que acontece, mas buscar no google ‘pessoas que se machucam para se aliviar’. Esta produção apresentou aspectos muitos ricos, com relação às postagens, e apontou o seu caráter de expressividade, mas sobretudo de compartilhamento.

No texto **Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação**, Bernal (2019), se propôs a desenvolver uma leitura da automutilação na contemporaneidade a partir do referencial teórico da psicanálise. A questão condutora da pesquisa foi acerca da função dos cortes e ferimentos auto infligidos, no que diz respeito ao âmbito do funcionamento psíquico do sujeito. A autora apresenta como hipótese inicial que o recurso ao ato da autolesão consistiria em uma defesa contra a emergência de um excesso pulsional traumático.

A autora apontou algumas categorias a partir de suas leituras 1. A dor e o alívio presentes na realização do corte (A autora aponta a existência de duas

modalidades de dor em jogo, seria a psíquica e a física e que neste sentido o alívio produzido pelos cortes seria em virtude da dor física gerar um empobrecimento na dor psíquica); 2. O apelo ao outro (Nesta categoria a autora desenvolve uma discussão em torno do caráter pulsional, mas também um caráter de mensagem, considerando que a linguagem do ato envolve, necessariamente, uma referência ao outro); 3. A questão do estatuto do corpo como borda corporal (A autora explora as várias concepções de corpo e pele presentes na literatura psicanalítica) e 4. A sombra da morte psíquica (Sugere-se a reflexão se o sujeito quando busca alívio de suas tensões, não estaria buscando por uma morte psíquica).

No texto **o Corpo, o virtual e o psíquico** Corrêa (2022) objetivou investigar, através da rede social facebook, o discurso dos adolescentes que se lesionam, buscando compreender o papel que o ciberespaço ocupa com relação a este ato e possíveis significações que o virtual possui para os adolescentes. Para isso, a autora selecionou 80 publicações e seus respectivos comentários.

Após a análise das publicações foram criadas cinco categorias que sintetizavam os conteúdos publicados, estas foram: 1. Dor e angústia: o insuportável (dois significantes que sempre estão presentes nos textos ou comentários em relação às postagens); 2. Um ser insuficiente (A autodepreciação também marca muitas das postagens, inclusive rabiscando o corpo e criando rótulos na pele com as palavras que consideram a percepção das pessoas sobre o adolescente); 3. Laços identificatórios (O sentimento de incompreensão também permeia os conteúdos publicizados, para os membros do grupo, somente quem está naquele coletivo é capaz de entender e ajudar pois partilham dos mesmos sentimentos); 4. Interações virtuais (Essa categoria foi subdividida em duas outras categorias. 4.1: “Me ajude” - de modo explícito ou velado pede-se ajuda e deixa-se claro que as pessoas do convívio presencial não são uma opção capaz de entender ou ajudar. E 4.2: Comunicação por (self) mutilação - a partir da exibição das imagens de seus ferimentos); e 5. Alívio da dor psicológica (Nas várias publicações em forma de desabafo aparece o testemunho do quanto o corte promove satisfação e alívio para as tensões).

Em suma, a produção apontou aspectos imprescindíveis acerca do que atravessa os discursos nas comunidades virtuais possibilitando uma maior compreensão do que mantém esses membros conectados.

A partir da exposição acima, observa-se uma diversidade de referenciais teóricos ao que se trata da autolesão publicizada nas redes sociais e os aspectos que estão em jogo no compartilhamento não apenas dos cortes, mas dos afetos que estão presentes para os adolescentes que encontram alívio no ato de lesionar a própria pele. As colocações dos autores, ora divergentes ora confluentes, provocaram algumas reflexões as quais serão abordadas a seguir sobre estrutura de eixos temáticos. A partir de uma leitura analítica e interpretativa dos documentos, três eixos foram constituídos: O que se compartilha? Com quem se compartilha? Por que se compartilha?

3.2 - O que se compartilha?

De modo geral, nos estudos analisados, o conteúdo das postagens foi bem problematizado a fim de compreenderem o que está em jogo nas práticas de autolesão. Inicialmente destacamos a multiplicidade de ferramentas de compartilhamento, a exemplo da plataforma Tumbler, que de acordo com Otto e Santos (2015) permite o compartilhamento de imagens (pessoais ou outras que aludem ao tema); textos (autobiográficos ou já publicados); vídeos, áudios e diálogos. Além de ser possível “reblogar”, isto é, ao visitar a página de algum membro e gostar do conteúdo publicado é possível “tomar de empréstimo” o conteúdo e postar também na própria página.

Entre as publicações mais compartilhadas a partir da análise dos 7 artigos, podemos referir fotografias do corpo, porém sem o rosto, em sua maioria apenas os braços e a barriga cobertos de lesões muito próximas. Junto às imagens geralmente apresenta-se um questionamento que provoca os outros membros a compartilharem suas experiências.

No que se refere ao pertencimento ao grupo, os adolescentes argumentam não precisarem de máscaras, lá eles podem ser eles mesmos, vale ressaltar que no grupo eles de fato não precisam de máscaras, afinal o rosto não é um elemento que é compartilhado. Nesse sentido, tanto o que se compartilha como o que gera identificação é o corte.

Um outro aspecto que aparece, de acordo com a literatura analisada, é a presença constante de desabafos em torno de um sentimento de angústia profunda. De acordo com Corrêa (2022), a presença dessa angústia insuportável nos sujeitos

impulsiona-os a buscar estratégias mitigadoras para atenuar esse sentimento desesperador, conforme evidenciado nos textos escritos e compartilhados nas comunidades. Entre essas estratégias a autolesão de insere como um recurso que possui um potencial apaziguador. O sujeito sente a angústia como um embaraço e não encontra nada que se possa ancorar.

Em relação a esse aspecto, Lacan (1962-1963) analisa que a angústia emerge na ruptura da malha de significantes, resultando na temporária supressão do simbólico, o que leva o sujeito a confrontar-se com o real intolerável.

Corrêa destaca (2022)

Na descrição dos relatos é possível ver que os sujeitos não conseguem encontrar um significante que simbolize aquilo que os afeta, a não ser o de “aguentar”. Aguentar etimologicamente vem do italiano *agguantare*, que, por sua vez, significa agarrar [...]. Na rede de significantes que se rompe o que resta a esses sujeitos é um nada para se agarrar, ele cai no furo dessa cadeia rompida e não encontra recursos simbólicos para colocar em palavras o que sente nesse instante (Corrêa, p. 115).

3.3 - Com quem se compartilha?

Os grupos em sua maioria, são formados por outros adolescentes, de ambos os sexos, porém com uma predominância do público feminino como destacam (Bernal, 2019; Corrêa, 2022). Vale ressaltar, de acordo com Fortes e Macedo (2017) que muitos dos testemunhos compartilhados no grupo partem da queixa de não existirem destinatários para sua dor, ao que os autores sugerem a ausência de um interlocutor com quem desabafar. Contudo, os mesmos autores apontam que as modalidades de dor psíquica apresentam como um traço marcante a tentativa de negação da experiência tanto para si mesmos como para os outros. “Se por um lado não há um outro para receber a mensagem da dor, por outro há uma dificuldade do próprio sujeito de admitir para os outros que está triste, sofrendo ou angustiado” (Fortes e Macedo, 2017, p. 357).

Segundo Fortes e Macedo (2017), o intenso sentimento de solidão experimentado pelos sujeitos pode ser aliviado por meio dos testemunhos compartilhados na esfera virtual. Nesse contexto, os relatos presentes na rede assumem a função do outro, proporcionando um senso de companhia e pertencimento. Uma perspectiva que consideramos interessante para ser

problematizada visto que os autores sugerem os testemunhos, ou seja, o ato de escrever e compartilhar imagens, fazendo a função de outro.

Ainda acerca da discussão sobre a presença do outro, Fortes e Macedo (2017) consideram que a ausência do outro reforça a impossibilidade de encontrar palavras para a dor, já que a ressonância daquele é condição necessária para que o sofrimento psíquico se constitua como tal. Diante disto, nos indagamos qual o perfil desse outro que os adolescentes que se agrupam em torno do compartilhamento da autolesão buscam?

Ao isolarmos o significante 'ressonância', que para física refere-se à capacidade de um sistema vibrar em resposta a uma frequência específica, essa resposta vibratória ocorre quando a frequência de uma força externa aplicada a um sistema é igual ou próxima à sua frequência natural de vibração, resultando em um aumento significativo na amplitude da vibração.

Nesse sentido, os desabafos e compartilhamentos da autolesão nas redes sociais parecem ganhar intensidade à medida que outros testemunhos ampliam a ressonância em torno da questão principal, a angústia e os cortes que se produzem a fim de tentar arrefecer este afeto.

Cabe retomar o que Laurent (2017) destacou acerca das comunidades temáticas existentes nas redes sociais. Para o autor estas comunidades possuem uma lógica de organização que envolve dividir públicos cada vez mais isolados em "câmaras de ecos" onde cada um só ouve a sua própria opinião reverberada em uma multidão de outros que pensam da mesma forma.

3.4 - Por que se compartilha?

Nesse contexto, a identificação desempenha um papel significativo na formação dessas comunidades temáticas. Os adolescentes buscam identificar-se uns com os outros por meio do compartilhamento de experiências similares de angústia e autolesão.

Nessa dinâmica grupal, os adolescentes encontram um espaço em que podem expressar suas dores de forma mais livre e aberta, sem o medo de serem julgados ou incompreendidos. Mas qual a garantia de que todos os membros do grupo em nenhum momento realizaram algum tipo de julgamento? Acerca disto, Miller (2004) discute a influência das redes sociais e das novas tecnologias na ampliação e

intensificação das socializações sintomáticas. Ele aborda como as plataformas digitais se tornaram espaços de expressão pública dos sintomas, onde os indivíduos buscam validação e reconhecimento através do compartilhamento de suas angústias e sofrimentos.

Acerca disto, Miller (2004) propõe uma discussão em torno do gozo na puberdade, o autor retoma a concepção freudiana acerca do gozo oral na relação em que mãe e bebê se encontram ligados através do seio materno, para Freud é na puberdade que a transição do gozo autoerótico passa à satisfação copulatória. Acerca desta hipótese, Miller destaca que Lacan reforça que não se goza do corpo do Outro, mas essa ideia se conectou a uma mitologia do par perfeito.

A partir desta reflexão, Miller (IBIDEN) propõe pensar se o corpo do Outro não se encarna no grupo, se as seitas, coletivos, grupos não dariam acesso a um eu gozo do corpo do Outro, logo eu faço parte? Essa ideia sugere que a busca por pertencimento e identificação com um grupo pode estar fundamentada em uma ilusão, na qual se acredita que a integração a um coletivo irá proporcionar um eu gozo através do corpo do Outro.

Miller levanta a questão de que essa percepção pode ser uma forma de idealização e mitificação, em que se atribui ao grupo a capacidade de abraçar o adolescente que se sente desamparado e de proporcionar uma sensação de completude.

A partir de um entendimento semelhante, Melo e Nicolau (2016) sugere que nas comunidades online de compartilhamento da autolesão é possível encontrar um prazer que convida ao gozo coletivo exibicionista-voyeurista, pois imagens de lesões na pele tomam conta da *timeline*, ao mesmo tempo que os usuários são convocados a relatar o sentido singular de seus cortes. De acordo Pereira e Ferreira (2016) o conceito de gozo, nesse sentido, diz respeito a essa particularidade, subjetivação ou historização que o sujeito produz e reproduz de seu sofrimento. E que Melo e Nicolau (2016) chamarão de “melancolização do discurso” (p.7) associado a imagens, fotos e textos sobre autolesões como uma busca desesperada por ser capturada pela pulsão escópica do gozo do olhar.

O caráter da identificação aos pares se destaca nas pesquisas analisadas, por se tratar de um espaço livre de constrangimento por parte daqueles que não conhecem ou ignoram os conflitos que suscitam os cortes na pele. Deste modo,

encontramos um traço identificatório entre os membros que promove certo laço em torno da comunidade: a angústia.

No entanto, é importante ressaltar que o compartilhamento da autolesão também pode ter aspectos controversos que merecem ser problematizados. Melo e Nicolau (2016) consideram que a identificação ao significante “corte” une os sujeitos anônimos em busca de um espaço em que a segregação é substituída pela interação e laço social entre os membros. Já para Pereira e Ferreira (2015) O laço social, construído a partir de um ideal, ao mesmo tempo que favorece a sensação de pertencimento ao grupo, só pode se fortalecer na medida em que a cota de hostilidade sintetizada nas identificações seja canalizada para fora, princípio norteador das práticas segregativas.

Tal afirmativa nos remete a algumas postagens encontradas nas primeiras buscas sobre o tema nas redes sociais, em que se enfatiza alguns aspectos como “Grupo de pessoas loucas umas pelas outras”; “grupo não criado por profissionais da saúde” delineando assim qual o perfil de usuários para pertencer ao grupo. A partir dessa lógica, Laurent (2017) pontua, acerca das comunidades que se formam nas redes, que elas podem se dividir em públicos cada vez mais isolados em “câmaras de ecos”, onde cada um só ouve sua própria opinião reverberada em uma multidão de outros que pensam da mesma forma.

Portanto, é necessário aprofundar a discussão acerca do estatuto do compartilhamento da autolesão nas redes sociais, considerando não apenas os aspectos identificatórios e de apoio mútuo, mas também os riscos e os desafios envolvidos. Essa reflexão teórica é fundamental para compreendermos as dinâmicas psíquicas subjacentes a esse fenômeno e ampliar as discussões que podem contribuir para um entendimento mais amplo sobre os adolescentes que vivenciam essas situações.

No que se refere ao “universo dos possíveis”, cabe refletir que é possível encontrar grupos presenciais de alcoólicos anônimos, narcóticos, emocionais e neuróticos anônimos, mas o fio condutor destes grupos é a ideia de manutenção do autocuidado, a tentativa de abstinência de comportamentos de riscos. No ambiente virtual existem grupos de pessoas que não querem usar drogas, e grupos de pessoas que enaltecem o uso de substâncias psicoativas, pessoas que buscam amar de forma menos intensa, e grupos de pessoas que destacam como ponto forte a forma intensa de amar. Ou seja, no virtual, pode-se. Laurent (2017) A internet muda, portanto, o

regime do sujeito contemporâneo ao oferecer-lhe um campo de expansão formidável para a loucura narcísica e as tentativas mais desenfreadas de cada um para reunir-se com seu ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo discutir o compartilhamento da autolesão nas redes sociais a partir de uma revisão de literatura na perspectiva psicanalítica, tomando a adolescência e sua relação com as redes sociais e a articulação entre adolescência, autolesão e redes sociais, como campo de investigação.

Cabe lembrar o ponto de partida para o desejo de investigar essa temática. A partir da observação clínica e do contexto de ensino-aprendizagem, foi possível constatar o fenômeno crescente da autolesão entre adolescentes. Essa constatação ocorreu tanto no ambiente clínico, onde os pais levavam seus filhos, muitas vezes de maneira relutante, quanto no ambiente escolar, por meio da percepção das sutilezas presentes nos acessórios e vestimentas que destoavam do padrão usual para uma cidade de clima tropical. E que os adolescentes, poucas vezes se permitiram compartilhar o mal-estar que girava em torno daquelas marcas.

Em paralelo a isto, o número de páginas virtuais em torno da exibição e discussão em torno da autolesão só aumenta e vem ganhando cada vez mais adeptos. Durante as etapas de investigação desses grupos nas redes sociais, foram identificadas diversas frases que evidenciam a intensidade dos vínculos entre os participantes, inclusive ressaltando a sensação de conforto e acolhimento proporcionada pelo fato de o grupo não ter sido criado por um profissional da saúde, como exemplificado na introdução desta pesquisa.

A partir desse contexto, despertou um interesse crescente em compreender o que se encontrava em jogo no funcionamento destes grupos, porque as contribuições de um profissional de saúde mental não se encaixam nele e quais os elementos comuns no grupo.

A clínica desempenhou um papel fundamental tanto no início do percurso acadêmico no mestrado quanto nas investigações teóricas. Foi por meio da análise de casos clínicos de três adolescentes que pudemos identificar a singularidade de

cada história, evitando assim generalizações ao analisar grupos virtuais com características semelhantes. Essa abordagem clínica nos permitiu aprofundar nossa compreensão das complexidades e particularidades das experiências individuais, destacando a importância de considerar o contexto específico de cada sujeito. Diante das incertezas inerentes à adolescência, em razão da necessidade de reeditar a própria imagem e os comportamentos, não mais protegidos nem validados pelas figuras parentais. Adolescentes buscam novos referenciais a quem identificar-se e poder reconhecer-se em seu novo corpo e psiquismo não mais infantil.

A partir dos casos apresentados, foi possível observar que cada adolescente buscou encontrar respostas subjetivas diante da irrupção do real, procurando alternativas que pudessem ora aliviar a angústia vivenciada nesse tempo, ora oferecer um lugar de identificação.

No que diz respeito a relação dos adolescentes com as redes e aos adolescentes nas redes pudemos constatar o fascínio que as redes sociais promovem diante dos adolescentes. O universo do virtual ainda permite a análise prévia das características de um grupo ou comunidade antes de se fazer conhecer, o que permite um movimento mais cauteloso de quem está chegando para poder se colocar apenas quando conhecer o terreno.

Contudo pudemos identificar que a formação desses espaços temáticos sugere mais o um a um que o coletivo. Trata-se de um grande grupo de vários uns em busca do seu pedacinho de espaço para simultaneamente mostrar-se e reconhecer-se.

As redes sociais são um espaço propício para a expressão e compartilhamento de experiências de si. Ao tentarmos articular a prática da escrita de si, abordada no primeiro capítulo, com o compartilhamento de textos em comunidades voltadas para a discussão de comportamentos autolesivos, identificamos uma dicotomia. Por um lado, os adolescentes podem encontrar neste espaço um acolhimento de suas narrativas sem a imposição de julgamentos. Por outro lado, ao se identificar com as histórias compartilhadas por todos os participantes, surge a questão de como pode-se singularizar a própria experiência, uma vez que o grupo tende a ecoar uma temática comum? Na impossibilidade de responder essa questão, fica como sugestão para pesquisas futuras.

Os grupos de adolescentes que compartilham a autolesão configuram-se mais como um grande palco em que cada membro tem o seu momento de exposição, mas

não existem jurados, apenas uma vasta plateia de fãs. Consideramos a internet um grande universo de possíveis descobertas e pistas para o avanço dos estudos nesta área, assim como da adolescência e seus modos de expressão na contemporaneidade, na autolesão compartilhada e até para os profissionais que se dedicam ao cuidado deste público-alvo, uma vez que as redes ainda recebem dos adolescentes uma entrega voluntária.

Em termos conclusivos, esta pesquisa contribui no sentido de buscar respostas, não definitivas, mas em torno desse modo de interação grupal nas redes, que se apresenta tão potente na atualidade e portanto, merecedor das lentes da ciência já que nos apresenta um terreno fértil o bastante para novas investigações que explorem os sintomas marcantes dos excessos característicos de nossa época, especialmente quando se manifestam na clínica com adolescentes, tais como anorexia, bulimia, dependências químicas, entre outros. Espera-se que esse estudo possa servir como ponto de partida para novas investigações no campo da psicanálise, especificamente no que diz respeito às atuações adolescentes, e também contribuir para a reflexão sobre os desafios enfrentados na clínica contemporânea decorrentes das relações estabelecidas pelos sujeitos imersos na cultura digital.

Compreender esses desafios é essencial para promover intervenções mais contextualizadas na clínica psicanalítica, bem como para ampliar nossa compreensão das transformações subjetivas decorrentes do avanço tecnológico e sua influência nas dinâmicas relacionais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. **O Adolescente e o Outro** Rio de Janeiro: Zahar,2004.

ALCANTARA, S.; MARTINS, J. C. O.; BARBOSA JUNIOR, F. W. S.; LIMA, M. C. P. Notas sobre o mal-estar na cibercultura em tempos de hiperaceleração digital. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro , v. 53, n. 1, p. 221-248, 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 jun. 2023.

AMADEO de FREDA, D. **Bullying, ni - ni y cutting em los adolescentes: trayectos del padre a la nominacion/** Damásia Amadeu de Freda. - 1º edição - San Martín: UNSAN EDITA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundação CIPAC, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais **DSM-IV**. São Paulo: Manole, 1994

ANACLETO, J. M. B.; FONSECA, P. F. De que Crise se trata na adolescência contemporânea? Algumas considerações psicanalíticas e educacionais. **Educação em Revista [online]**. 2021, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469824157>. Epub 30 Ago 2021. ISSN 1982-6621. Acesso em: 14 janeiro, 2023.

BERNAL, E. P. **Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação**. 2019, 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: . Acesso em Junho. 2021.

BOTREL, M. R. “Corpo, corte e costura”. **Curinga**, (38):59-66., 2014

BRANDAO JUNIOR, P. M. C.; CANAVEZ, F. O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. **Analytica**, São João del Rei , v. 7, n. 13, p. 179-191, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 Jan. 2023.

BURGARELLI, C. G. **Escrita e corpo pulsional**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, Brasil, 2003.

CANAVÊZ, F., & HERZOG, R. O corpo adivinha se não entende: o contemporâneo a partir da autolesão. In: VERZTMAN, J & PACHECO-FERREIRA, F (Orgs.) **O público na psicanálise**. Curitiba: Appris, 2020

CIDADE, N. O. P.; ZORNIG, S. M. A. Automutilações na adolescência: reflexões sobre o corpo e o tempo. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 1, 2021.

CONSENZA, D. A iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. **@gente Digital Revista de Psicanálise**, v. 9, ano 4. 2015. Disponível em: http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/009/003_agente09_do_menico_cosenza.pdf. Acesso em 14 de dez. de 2022.

CORRÊA, D. R. **Entre o corpo, o virtual e o psíquico: um estudo dos grupos virtuais e suas implicações na automutilação à luz da psicanálise**. Editora Dialética, 2022.

CORSO, D.; CORSO, M. **Eu me inscrevo, me descrevo: escrevendo em mim**. 2008. Disponível em: <http://www.marioedianacorso.com/eu-me-inscrevo-me-descrevo-escrevendo-em-mim>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

COUTINHO, L.; MADUREIRA, B. Os Cortes na Adolescência e a Busca por um Lugar na Cidade. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 1, p. e109167, 2021.

CORDEIRO, L. H.; SANTOS, L. C. R.; SILVA, R. S.; GOMES, G. C. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, 8(11), 1368–1381. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7729/3003>. Acesso em 15 de mar. de 2023.

DEMANTOVA, A. G. **Automutilação na adolescência: corpo marcado, corpo atacado**. Curitiba: CRV, 2020.

DHERÉT, J. A sadominadora. In: **Latusa**. v. 1, n.1. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Rio, no. 20, ago. 2015, p.93-98.

FALCÃO, J. **Cortes & cartas: estudos sobre automutilação**. Curitiba: Appris, 2021

FAVAZZA, A.R. **Bodies under Siege: Self Mutilation and Body modification in culture and psychiatry** (2nd Edition). John Hopkins University Press, Baltimore, 1996.

FERREIRA, J.; COSTA, P. Mensagem sobre escarificação na internet: um estudo psicanalítico. Ayvu: **Revista de Psicologia**, 2018, p. 133 - 159.

FREUD, S. **Algumas reflexões sobre a Psicologia do escolar**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XVIII; pp. 247-250). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **O Ego e o Id**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. 13 - 72). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FORTES, I.; MACEDO, M. M.K. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, 20, 353 a 367, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137-psico-20-38-00353.pdf>. Acesso em: 12 março 2022.

GOMES, A. C. D. C.; PEDROSA FILHO, R. B. D. A.; TEIXEIRA, L. C.. Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 24, n. 1, p. 91–99, jan. 2021.

IAMMATEO, M.I. Otra marca posible. In: Laurent, E. **Cuerpos que buscan escrituras**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 13-18.

JATOBÁ, M. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

JERUSALINSKY, A. **Seminários III**. Publicação da USP/Instituto de Psicologia/Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida. São Paulo, 2004.

JUCÁ, V. J. S.; VORCARO, A. M. R. Escarificações na adolescência: tentativas de reinscrição do sujeito por meio dos cortes. In: CHANTELARD, D.; MAESSO, M.; COSTA, K. (org.). **O corpo no discurso psicanalítico**. 1ed - Curitiba: Appris, 2019.

JUCÁ, V. J. S.; VORCARO, A. M. R. Atos na adolescência: uma resposta diante da angústia e do desamparo. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 01, 2020.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jul. 2023.

KELLES, N. F.; LIMA, N. L. Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 202-233, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 jun. 2023.

LACADÉE, P. (2007). A passagem ao ato nos adolescentes. **Revista Sephora**, 2(4). Traduzido por: Kátia Danenberg e Simone Bianchi. Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_02.htm

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio – ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**, 2010.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Outros Escritos** (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: A Angústia. 1962-1963**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 1964**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 15: O Ato Psicanalítico. 1967-1968**. Rio de Janeiro: J. Zahar.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. 1969-1970**. (A. Roitman, trad.). Rio de Janeiro: J. Zahar. 1992.

LAURENT, E. Gozar da internet. In: **Revista digital Derivas Analíticas nº 12**. Acesso em <<http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>. 2017.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Vozes, 2011.

LESOURD, Serge. **A Construção Adolescente no Laço Social** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LIMA, N.L. CASTRO, C.F.S. & MELO, C. M. A identificação na contemporaneidade: os adolescentes e as redes sociais. **Asephalus**, Vol. 6, n. 12. 2011. Disponível em http://www.isepol.com/asephallus/numero_12/artigo_01.html. Acesso em: 02.jun. 2022.

LIMA, N. L. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. **Arq. bras. psicol.**, 58(2), 38-50. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000200005&lng=pt&nrm=issoj. Acesso em 19 out. 2022.

LIMA, N. L. **A escrita virtual na adolescência: Os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Hystorização e romance: a construção do personagem no diário íntimo de adolescentes. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 15, n. 1, p. 95–115, 2012.

MAIA, A. B.; MEDEIROS, C. P.; FONTES, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2023.

MATOZINHO, C.; CALAZANS, R.; SOUZA, J. M. P. de. Escarificações na adolescência: uma abordagem psicanalítica. In: CHATELARD, D. MAESSO, M. **O corpo no discurso psicanalítico**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

MELO, H. A.; NICOLAU, R. F. “**Cortes que salvam**”: um olhar psicanalítico sobre o cutting em redes sociais online. In: VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. João Pessoa. 2016. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org.br>. Acesso em: 13. fev. 2022.

MENDONÇA, M. **Adolescência e o laço social**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós graduação em Psicologia, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2011.

MEREL, A. K. B. Seriam as redes sociais os divãs da atualidade? **CEP - Centro de estudos psicanalíticos**. Ciclo III, 2019. Disponível em: <https://centropsicanalise.com.br/2020/01/04/seriam-as-redes-sociais-os-divas-da-atualidade/>. Acesso em: 15 jan. 23.

MILLER, J.-A. Em direção à adolescência, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/540721138/Em-direcao-a-adolescencia-Jacques-Alain-Miller> acesso em: 02.Jun. 2022.

MITRE, J. La puberdad como ruptura o lo intraducible allí. In: MITRE, J. **La adolescencia: esas edad decisiva**. Una perspectiva clínica desde el psicoanálisis lacaniano. 1ª ed. Argentina, p. 2-25, 2014.

MORAES, B. R.; WEINMANN, A. O. Notas sobre a história da adolescência: transformações e repetições. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v25i2p280-296. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/160346>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MORAES, B. R., WEINMANN, A. O.; SIPPERT, A. Da adolescência atual ao atual da adolescência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**, v. 24, n. 4., pp. 523-542. 2021. Disponível em: <https://do.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p523.3>. Epub 25 Fev 2022. ISSN 1984-0381. Acesso em: 14 Jan. 2023.

MIRANDA, A. A. W. R. DE .; PROTTI, L. C. A prática das escarificações em moças: uma abordagem psicanalítica das questões com a feminilidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 22, n. 1, p. 41–50, jan. 2019.

OLIVEIRA, H. M.; HANK, B. C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica** [online] v. 20, n. 2, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 23 Março 2022.

OTTO, S.; SANTOS, K. (Re) cortes: o discurso sobre a autolesão feminina no Tumblr. In: **Psicanálise e Barroco em revista**. Rio de Janeiro, V. 13, n. 1., 2015.

Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7349> Acesso em: 12. Fev. 2022

PEIXOTO LIMA, M. C. O declínio do mestre e suas relações com o saber na adolescência: novas reflexões sobre a psicologia do escolar.

Estilos da clínica, 14(27), 112-123. 2009. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46065>. Acesso em: 01 set. 2016.

PEREIRA, C. E.; FERRARI, I. F. A identificação e os processos de segregação na contemporaneidade. In: **Caderno CESPUC**. Belo Horizonte, n. 28, 2016.

PERISSÉ, G. Curtir, comentar e compartilhar. **Revista Educação**. 2013. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/08/02/curtir-comentar-e-compartilhar/>.

Acesso em: Jun. 2023.

RUDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores** (2ª ed.). Porto Alegre: Sulina, 2016.

SAGESSE, E. Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolescer ou adoecer.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e109166, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/LKH9ghWwXMhs6grJ5YWPDxy/?lang=pt>, Acesso em: 28, mar. 2022.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. **Mal-estar e Subjetividade**, v. 6, n. 1, p. 15-43, 2006.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook*. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 203-210, dez. 2018

Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jul. 2023.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000355>.

SOARES, S. S. D. **As faces da amizade no Facebook: semblantes da sociabilidade contemporânea**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2018.

SOLER, C. **O que faz laço?**. Tradução de Elisabeth Saporiti - São Paulo: Escuta; 2016.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga**, n. 20, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, p. 27-39, 2004.

STEVENS, A. Quando a adolescência se prolonga. **Opção Lacaniana**, v. 4, n. 11, 2013. Disponível em: Disponível em:
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

TIZIO, H. Novas Modalidades do Laço Social. In: **Revista Eletrônica do Núcleo Sephora**, vol 2, n. 4, [s.p.], maio. 2007. 2006.

TIZIO, H. El enigma de la adolescencia. In: RECALDE, M. (comp.) **Púberes e adolescentes**: lecturas lacanianas. Argentina: Grama ediciones, 2008.

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, A. M. R. A adolescência em perspectiva: um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e3448, 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/ngNVbd8grFqhXZMCTLjnTLx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2019. Epub Sep 17, 2018.

VIOLA, D. T. D. e VORCARO, A. M. R. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP** [online]. v. 26, n. 1. 2011

ZANETTI, S. A. S.; KUPFER, M. C. M. O relato de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 170-185, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v11n21/v11n21a11.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.